



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Ana Maria Paes

**A MÍSTICA DE JACOB BOEHME
DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO**

Brasília

2022

Ana Maria Paes

A MÍSTICA DE JACOB BOEHME - DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof^o Dr^o Marcos Aurélio Fernandes

Brasília

2022

A MÍSTICA DE JACOB BOEHME – DA CRIAÇÃO DO UNIVERSO

Ana Maria Paes

Monografia de conclusão de graduação para obtenção de grau de licenciatura no curso de Filosofia pela Universidade de Brasília - UnB.

Orientador: Profº Drº Marcos Aurélio Fernandes

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Marcos Aurélio Fernandes

Orientador

Profº Drº Márcio Gimenes de Paula

Examinador

Brasília

2022

Resumo:

O humilde sapateiro Jacob Boehme (1575-1624), “O Teósofo Alemão”, é considerado um dos gênios metafísicos da humanidade. As obras do místico abarcam conhecimentos cosmogônicos, "origem do universo, criação do mundo"; cosmológicos, origem e da composição do Universo e escatológicos do cristianismo. O presente estudo utiliza como base um referencial teórico que contempla questões acerca da criação mística do Universo. O meio utilizado para o estudo é a pesquisa bibliográfica, quanto aos fins é reflexiva e teve por base o método hermenêutico. A mística é uma relação íntima e pessoal com um ser superior. A mística não foi só relegada aos homens. As mulheres místicas desempenharam um papel importante nos vários períodos da história. A existência de Deus para o místico é além do tempo e do espaço, inacessível a todo pensamento humano, inexprimível por qualquer língua humana. A literatura de Jacob Boehme exerceu grande influência no trabalho de escritores, filósofos, cientistas e místicos dos séculos XVII até o século XX. Boehme ao longo de sua vida teve quatro experiências de iluminação, as quais os mistérios do mundo invisível lhe foram revelados. Em 1612 escreveu seu primeiro livro ‘Aurora Nascente’, o qual escreveu sob revelação mística de como o cosmo veio a existência. A explicação de como o mundo passou a existir ou foi criado passam por estudos teológicos e científicos. Um dos objetivos deste estudo é de conhecer uma outra realidade de pensamento sobre a origem do Universo e sem nenhuma pretensão de esgotar o pensamento do místico.

Palavras-Chave: Cosmologia, Jacob Boehme, Mística, Realidade, Teosofia.

Abstract:

The humble shoemaker Jacob Boehme (1575-1624), “The German Theosophist”, is considered one of the metaphysical geniuses of mankind. The mystic's works include cosmogonic knowledge, "origin of the universe, creation of the world"; cosmological, origin and composition of the Universe and eschatological of Christianity. The present study uses as a basis a theoretical framework that contemplates questions about the mystical creation of the Universe. The means used for the study is the bibliographic research, as for the purposes it is reflective and was based on the hermeneutic method. Mystique is an intimate and personal relationship with a superior being. Mystique was not just relegated to men. Mystical women played an important role in various periods of history. The existence of God for the mystic is beyond time and space, inaccessible to all human thought, inexpressible by any human language. Jacob Boehme's literature exerted a great influence on the work of writers, philosophers, scientists and mystics from the 17th to the 20th centuries. Boehme throughout his life had four experiences of enlightenment in which the mysteries of the invisible world were revealed to him. In 1612 he wrote his first book 'Rising Dawn', which he wrote under mystical revelation of how the cosmos came into existence. The explanation of how the world came to exist or was created goes through theological and scientific studies. One of the objectives of this study is to know another reality of thought about the origin of the Universe and without any intention of exhausting the mystic's thought.

Keywords: Cosmology, Jacob Boehme, Mysticism, Reality, Theosophy.

AGRADECIMENTOS

Ao longo do tempo, muito tempo, tenho a oportunidade de estudar na Universidade de Brasília foram muitas pessoas que ajudaram na minha formação. Dessa forma, tenho muitas pessoas a agradecer por terem me acompanhado nessa jornada e por terem compartilhado comigo um pouco do que eles tinham. Tenho a certeza de que cada pessoa que cruzou o meu caminho tem alguma parcela de participação neste trabalho, que representa mais uma etapa concluída.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família como um todo, em especial minha mãe Alivina de Freitas Lima, por sempre ser uma referência de mulher forte, decidida, de uma firmeza moral e integridade de grau elevado. Escreveria um livro do amor incondicional de minha mãe por nós seus filhos. Uma mulher que me inspira a ser forte e que sobrepujou inúmeras dificuldades para educar sozinha os filhos. Apesar de somente ter cursado até a 4ª série sempre guiou os filhos pelo caminho da educação e queria que os seus tivessem os estudos da mesma forma que os filhos das “madames” que ela cuidava. Candanga, se mudou para Brasília para trabalhar na casa de Oscar Niemeyer e fincou raízes. Sou grata por sua força, resiliência e perseverança. Ao meu pai Amaro (*in memoriam*), agradecimento eterno por me encaminhar ao mundo da leitura. Ao ler um livro de bolso ou jornal as feições de seu rosto mudavam conforme ia lendo. Eu, muito curiosa, ficava encantada.

Sou grata por todos os meus irmãos: Marcos Antonio, Guaraci, Ana Cristina, Ana Caroline, Rafael Leandro e as queridas e amadas sobrinhas Julliane, Heloísa e Helena. De maneiras incontáveis todos me ajudaram, não poupando esforços quando necessário, nesta minha longa jornada de UnB. Lamentavelmente ao longo deste caminho, dois deles voltaram ao plano espiritual, Zélia e Carlos Eduardo.

Agradeço aos meus amados filhos Sarah Gabriela, Augusto, Isabela e Kely Marques. Não há palavras para agradecer. Primeiramente por aceitarem ser meus filhos nesta vida, e por suportar toda a ausência ao logos destes anos, neste meu empenho em querer sanar um pouco das incontáveis dúvidas e curiosidade que tenho sobre a vida. Agradecimento a mais duas pessoas especiais que brotaram em nossas vidas: Sarah Cristina e Samira Cristina. Netas que fizeram meu coração acelerar e que me trouxeram um sopro de incentivo, vida e esperança.

Agradeço aos amigos de trabalho que me incentivaram quando eu prestei vestibular e contei a eles sobre a opção de Filosofia. Agradeço também aos que debocharam sobre a escolha da minha opção em querer mudar a minha estrutura de pensamento ao qual estava condicionada.

Agradeço à Universidade de Brasília por ter me proporcionado o privilégio de estudar em uma universidade pública com tanta pluralidade, transitar em diversas áreas do conhecimento e oferecido ferramentas de ensino essenciais para a minha formação, assim como experiências em sala de aula como estagiária em escola pública, dois anos de intenso aprendizado emocional, cultural e social.

A Faculdade de Filosofia, seus funcionários e professores que na busca por excelência de uma educação pública e de qualidade incentivam seus alunos e prestam todo o apoio necessário para o desenvolvimento pessoal de cada um deles. Agradeço a filósofa Ana Míriam Wuensch, professora da UNB, primeira filósofa a qual tive a oportunidade de conviver em sala de aula. Inestimáveis aprendizados e conhecimentos que ela nos ofereceu aos quais nos permitiram ampliar a percepção filosófica.

Agradeço em especial ao meu orientador, professor e Doutor Marcos Aurélio Fernandes, que me apresentou a obra do místico Jacob Boehme, além de ser fonte de inspiração soube apoiar e guiar meus objetivos de pesquisa, sempre com orientação, palavras de incentivo, força e ânimo. Muito Obrigada.

Reconheço um Criador e Seu Filho, Jesus Cristo, pelas incontáveis bênçãos a esta humilde buscadora.

Sumário	
1. INTRODUÇÃO	9
2. JACOB BOEHME, VIDA, REVELAÇÃO E OBRAS	11
2.1 Jacob Boehme.....	11
2.2 Leitores das Obras de Jacob Boehme	18
2.3 Sobre as Obras de Jacob Boehme.....	21
2.4 O Legado das Obras de Jacob Boehme e as Mulheres	22
3. A METAFÍSICA DE JACOB BOEHME	24
4. A EXPERIENCIA MÍSTICA DE JACOB BOEHME	29
4.1 Mística	29
4.2 A Mística em Jacob Boehme	30
4.3 A Mística das Mulheres e Jacob Boehme.....	35
5. A COSMOLOGIA DE JACOB BOEHME E O FÍSICO BASARAB NICOLESCU	42
Figura 1 - ESTRUTURA E AUTO-ORGANIZAÇÃO.....	53
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
ANEXO A – PRINCÍPIOS BÁSICOS EMPREGADOS POR JACOB BOEHME	59

1. INTRODUÇÃO

A hipótese do por que o universo, o mundo, o homem e até mesmo o próprio criador foram formados, nos levam a algumas teorias, sejam de cunho científico, religioso e místico. Desde os primeiros pensadores que buscaram descobrir um princípio originário de todo o universo até a contemporaneidade tentam resolver a origem de tudo.

O homem é um questionador desde o momento que ele percebeu a natureza. Ele busca responder questões da existência, o que é real ou existe. Não só o que seus olhos tocavam, mas também o que vai dentro de si. Percebendo inicialmente os fatos externos, ele questiona, parte do exterior e volta-se para o interior: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Por que estou aqui? De que é feito o universo, como foi construído? Sempre existiu? Como tudo começou? Há um fim? Existe um criador de tudo isso que percebo? Tudo não passa de um mero acaso químico? Existe um Deus? Estas e muitas outras questões nasceram da experiência humana em observar o que há. O que existe, por que existe, como estas coisas passaram a existir, ou seja, o fundamento de tudo.

As explicações sobre a origem do universo, da natureza, dos mundos, e de suas criaturas são estudadas e discutidas por religiosos e cientistas. As ciências usam os métodos científicos, como no caso da biologia, da física, da química entre outras ciências. Os religiosos, aqui incluímos os espiritualistas, místicos, teosofistas e assim por diante, justificam o começo do cosmos a partir de uma revelação ou iluminação, no caso dos cristãos receberam a revelação da Bíblia. A iluminação é individual ao escolhido pelo Ser superior. As explicações dadas, sejam dos estudos teológicos, sejam das revelações místicas, ou científicas trazem discussões e conseqüentemente discordâncias entre os envolvidos.

O homem através da linguagem comunica suas ideias ou sentimentos. Na solução de questões ou problemáticas são criadas novas palavras ou conceitos, e até mesmo uma nova linguagem para tentar respondê-las. O místico Jacob Boehme com sua cosmologia, que é uma estrutura espiritual do mundo vislumbrado na visão de 1600, grandiosa experiência na qual vislumbrou a natureza espiritual de todas as coisas, onde os olhos de sua alma foram abertos, onde ele criou toda uma configuração simbólica e linguística para narrar o que experienciou em contato e união com o Mistério Divino.

A literatura mística de Boehme deu voz a relatos pessoais com o divino, no entanto, foi sufocada pelo controle eclesiástico, como não poderia deixar de ser no século XVII, em que

viveu. Ele foi influente para o despontar de uma literatura moderna e também para uma filosofia idealista. Os místicos sempre foram desqualificados e censurados das mais diversas formas, com certeza pela ameaça que a mística traz a determinados seguimentos religiosos.

A questão central não é mais o que existe, mas como o cosmos e as criaturas que vivem neste mundo foram criadas. Jacob Boehme como muitos outros receberam revelações místicas. Boehme especificamente recebeu revelações que incluem a origem do cosmos, a origem da vida, da Natureza de Deus, dos homens, de como as coisas foram criadas, e outras revelações. Boehme com sua imaginação e revelação obteve a resposta através de sua mística.

No estudo, ora apresentado, ficaremos, no caso de Boehme, nas iluminações, ou visões, ou revelações do que ele escreveu. Boehme buscou entender e explicar o problema do mal, o problema da criação e a natureza da relação de Deus com o mundo, considerando que Deus é o fundamento e a causa de tudo o que existe. Por que ele permite tal hostilidade?

O trabalho, por assim dizer, ficou dividido em quatro tópicos principais os quais abordaremos sua vida, suas revelações; citaremos alguns leitores (as) das obras de Boehme; o legado das obras de Boehme e as mulheres; a mística das mulheres e Jacob Boehme; a metafísica de Jacob Boehme, ou seja, a proposta do autor é falar de Deus, expor o que Ele é, e onde ele está, Deus criou a si mesmo, Ele emanou de si; a experiência mística de Jacob Boehme; e por fim a cosmologia de Jacob Boehme e o físico Basarab Nicolescu.

A metodologia usada neste estudo envolveu o uso de fontes primárias e secundárias. As pesquisas bibliográficas e históricas formaram o referencial teórico para o desenvolvimento do estudo. A base metodológica foi composta por livros do próprio autor e livros de estudiosos da obra de Jacob Boehme; dicionários, periódicos, filmes, artigos, comentadores, pesquisas em sistemas online armazenados em servidores da Internet; bibliotecas online, sites nacionais e internacionais.

2. JACOB BOEHME, VIDA, REVELAÇÃO E OBRAS

2.1 Jacob Boehme

O místico¹ luterano Jacob Boehme (1575 – 1624) foi um cristão que buscou a Verdade em meio as disputas teológicas e às guerras religiosas de sua época, que causavam grande angústia a ele. O nome de Jacob Boehme por vezes grafado como Jakob Böhme, ou mesmo como Jacob Behmen, cuja profissão foi de sapateiro. A bibliografia do autor pode ser encontrada em diversas fontes literárias como livros nacionais ou internacionais, endereços eletrônicos de algumas bibliotecas, em sites esotéricos, também em organizações místico-filosófica.

Veremos que a literatura mística de Boehme exerceu grande influência sobre aos que se dispuseram a ler suas obras, não só renomados filósofos, escritores e cientistas dos séculos XVII até a segunda metade do século XVIII, como também outras pessoas que buscavam uma outra forma de conhecer a realidade que foi revelada a ele. Para conhecer as obras de Boehme devemos fazer como ele nos advertiu ‘que suas obras requerem estudo humilde sob a orientação do Espírito Santo’. (WATERFIELD, 2007, p. 69).

As questões ou temas centrais identificados na obra de Boehme são sobre a criação do universo, da natureza, escuridão, luz, renascimento, liberdade, da origem e o sentido do mal. Um dos temas dominantes é a transcendência de Deus. Estes temas fazem parte das questões que envolvem o mistério da Vida. Questões estas que inquietam muitos indivíduos, dentre os quais alguns sentem a necessidade de buscar esclarecimento, explicações para a realidade em que vivemos, e o sentido da vida.

Ao olharmos para a natureza em que vivemos, para o céu que nós cerca, para as estrelas que nos iluminam, para o sofrimento humano, para a sociedade em que estamos inseridos, ao olharmos ao redor acabamos nos voltando a nós mesmos com a pergunta: De onde e por que fomos criados? Temos um propósito? Temos um destino? o universo que nos permeia foi criado

¹ É ao pseudo-Dionísio, o Aeropagita, que se deve a palavra místico (Noms divins, II,7, e Teol. Míst., I, 1), a maior parte dos termos que se tornaram clássicos na “mística”. Após ter mostrado que para chegar ao ser é preciso ultrapassar as imagens sensíveis, as concepções e os raciocínios do espírito, ele afirma, fundando-se numa experiência que nada tem de dialético, mas parece expressão de um contato intimamente experienciado, “esse perfeito conhecimento de Deus que se obtém por ignorância em virtude de uma incompreensível união; e isto se passa quando a alma, deixando tudo e esquecendo-se de si própria, se une à claridade da ‘glória divina’”. Lalande, André, 1867-1963. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ou sempre existiu. Jacob Boehme também se inquietou com estas questões e buscou por respostas na Bíblia, ele era um leitor assíduo.

Em referência a questões sobre a criação do universo, teólogos, místicos, físicos, cientistas dentre outros, em todas as épocas fornecem alguns tipos de respostas, sejam respostas religiosas ou científicas; a religião relaciona a criação e a humanidade a elementos sobrenaturais, transcendentais e espirituais para responder tal questão. Totalmente diferente da religião, a ciência utiliza meios de critérios como a observação, a experimentação, equipamentos tecnológicos para consolidar o saber e mudar estruturas solidificadas tidas como verdades absolutas.

Jacob Boehme praticou a “simplicidade de pensamento e de propósito, a resignação de sua vontade-própria à lei divina, e manteve na mente a promessa Bíblica de que aqueles que pedirem sinceramente a comunicação do Espírito Santo terá o espírito da santidade despertado em si, e serão iluminados com sua Sabedoria.” (HARTMANN, 1890, p. 4). Boehme obteve as respostas às suas dúvidas através de revelações, conforme o Espírito ditou para ele, não dando lugar a Razão. A ele foi dado a chave para entender e explicar o sentido e as origens de tudo. Boehme afirmou que:

quem pode entender obras que tratam dos princípios ontológicos e metafísicos, não é a razão, mas a intelecção ou a inteligência do coração. A razão é uma ponderação dual e discursiva que só pode apreender o que é de natureza sensível, enquanto a intelecção é uma intuição fulgurante e unificadora, que é capaz de apreender os princípios suprassensíveis e só pode brotar de um coração humilde.” (BOEHME, 1998, p. 13).

Podemos perguntar juntamente com o filósofo, educador Américo Sommerman, primeiro editor e tradutor brasileiro das obras de Jacob Boehme, “Por que a obra de Boehme teria sido relegada a quase total esquecimento, estigmatizada como inacessível e obscura?” (BOEHME, 1994, p. 8). Como primeira resposta se deve “que grande parte da incompreensão de seus escritos advém da leitura de suas obras fora da ordem cronológica.” (BOEHME, 1994, p. 8).

Temos atribuída como segunda resposta que “é referente à natureza e à profundidade dos conhecimentos contidos na obra de Boehme e de modo algum à intencionalidade do autor de velar-lhes o sentido, ou à ininteligibilidade de seus escritos.” (BOEHME, 1994, p. 8). Para a pergunta acima temos também a respostas do poeta, romancista, ensaísta e pintor alemão Hermann Hesse (1877 – 1962), que por sua vez disse:

que não basta ao leitor aplicar um método ou uma chave interpretativa (...). Pode-se se dizer que sua leitura exige as mesmas condições que a experiência mística requer, um esvaziar-se prévio, uma atenção completamente livre e uma quietude da alma (BOEHME, 1994, p. 9).

E ainda em relação a pergunta: Por que o interesse pelo pensamento de Boehme foi relegado a quase total esquecimento, podemos inferir, no século XVII, pelo avanço do espírito crítico em que os conhecimentos eram confirmados por método experimental ou científico, começava uma nova época. Na formação da visão moderna do mundo, com o surgimento da ciência para explicação de muitas perguntas através muitas descobertas científicas. Esta nova época onde a ciência tornou-se consumida por um enfoque não pertencente a influência e controle a uma ordem religiosa, que incluiu ideias centradas na razão. Boehme não se enquadrou nas categorias científicas. Ele esteve à margem da racionalidade com sua experiência direta com o Absoluto o qual chamou de Deus.

Nas várias pesquisas realizadas descobrimos um vasto material de estudo que foi desenvolvido e que ainda é estudado sobre as obras de Boehme, então não podemos dizer que a obra de Boehme foi relegada a total esquecimento, pois hoje em pleno século XXI temos pesquisas atuais sobre suas obras, publicações de livros, filmes e exposições.

Américo Sommerman traduziu o documentário feito por sobre a ‘Vida e o Legado de Jacob Boehme’ feito em 2016, na Polônia, pelo diretor Lukasz Chwalko. O documentário conta com a participação de filósofos, escritores e historiadores da Polônia e da Rússia. Nesta tradução encontramos questões que foram suscitadas na mente de Boehme: Por que Deus criou uma vida como esta, repleta de sofrimentos? Não poderia ter havido uma condição melhor, sem sofrimentos e tormentos, considerando que Deus é o fundamento e a causa de tudo o que existe? Por que ele permitiu tal hostilidade? Por que ele não esmaga o mal, para que em todas as coisas somente o bem possa prevalecer? Boehme debateu-se com as questões do sofrimento, da origem da vida e o sentido do mal.

As obras do místico Boehme é estudada por filósofos, escritores e cientistas contemporâneos. Estas obras influenciaram alguns seguimentos esotéricos ocidental, do século XVII ao XXI; algumas como A Antiga e Mística Ordem Rosacruz, a Tradicional Ordem Martinista, A Sociedade das Ciências Antigas, dentre muitas outras denominações que estudam as obras deste místico da idade moderna.

O médico alemão Abraham von Frankenberg (1593 – 1652) que foi médico, místico, poeta e escritor de hinos, que pertencia a nobreza e ao círculo dos místicos da Silésia foi particularmente influenciado pela obra de Boehme ‘Aurora oder die Morgenröthe’. Ele foi

amigo, discípulo e editor de Boehme, e mestre de Johannes Scheffler (1624 – 1677), que adotou o nome de Angelus Silesius, quando da sua conversão ao catolicismo em 1653, pois Scheffler fora nascido e criado no luteranismo. Silesius foi padre e médico católico alemão, conhecido como poeta místico e religioso. Frankenberg escreveu “a mais consagrada biografia de Jacob Boehme” e esteve intimamente ligado a Boehme durante os anos de 1623 a 1624 e escreveu sobre sua vida.

Jacob Boehme nasceu numa pequena cidade da Alta-Luffácia, chamada Antiga Seidenburg. Seus pais eram muitos simples e honestos. Na sua primeira infância, eles o encarregaram de cuidar de animais. Mais tarde descobrindo nele aspirações elevadas, enviaram-no à escola, em seguida iniciaram-no na aprendizagem do ofício de sapateiro. Depois de viajar por dois anos, sobre o quais nada se sabe, estabeleceu-se em Goerlitz, Alemanha, para exercer seu ofício, onde casou e teve quatro filhos. O luterano Boehme desde a juventude era temente a Deus, leitor assíduo da Bíblia e gostava de assistir sermões. Na sua época as guerras religiosas e as múltiplas disputas teológicas lhe causaram grande angústia. Fervorosa e constantemente, com a simplicidade de seu coração, pediu com seu coração a Verdade, batendo à porta do Pai, sua prece foi ouvida (BOEHME, 2011, p. 11).

A Primeira experiência mística de Boehme foi relatada por seu amigo e autor Abraham von Frankenberg,

como eram muitas as dúvidas que se levantou no coração de Boehme diante de tantas opiniões contrárias a respeito de Deus, Boehme pediu fervorosamente que Deus lhe revelasse onde estava a verdade. A primeira experiência mística a qual Jacob Boehme teve resposta, segundo seu próprio testemunho ele foi envolvido por uma luz divina, e, durante sete dias permaneceu na mais alta contemplação divina (BOEHME, 2011, p. 11).

Sobre a experiência de iluminação do místico Jacob Boehme, o historiador, editor de revista e professor universitário Rufus Matthew Jones (1863-1948) escreveu extensivamente sobre o misticismo cristão e ajudou a fundar o American Friends Service Committee. Ele fez planos ambiciosos para uma história do misticismo e quacre, sendo um dos teólogos quakers mais influentes do século XX. Rufus publicou alguns estudos sobre sua interpretação da religião espiritual na cultura ocidental. Em 1914, publicou o livro ‘Spiritual Reformers in the 16th & 17th Centuries’, dedicou quatro capítulos ao místico Jacob Boehme. Chapter IX Jacob Boehme: His Life and Spirit; Chapter X Boehme's Universe; Chapter XI Jacob Boehme's "Way of Salvation"; Chapter XII Jacob Boehme's Influence in England.

Rufus M. Jones escreveu que Boehme foi um dos poucos homens que reivindicaram tanto ser portador de uma nova revelação quanto o humilde profeta sapateiro da Silésia. Boehme em seu primeiro livro o místico escreveu,

que ele era “apenas uma pequena centelha da Luz de Deus, mas Ele agora está satisfeito em revelar através de mim o que foi praticamente oculto desde o início do Mundo. Se o leitor quisesse entender o que está escrito, deveria deixar de lado a opinião, a vaidade e a sabedoria pagã, e ler com a Luz e Poder do Espírito Santo. O livro não vinha da Razão, mas pelo impulso do Espírito. Boehme escreverá conforme o Espírito ditou e não deu lugar a Razão, e afirmou que antes que Espírito viesse sobre ele, ele se sentia como uma “criança gagueira”, sem esse Espírito ele não poderia compreender nem mesmo seus próprios escritos – “quando ele se separa de mim, não sei nada além do elementar e coisas terrenas deste mundo – mas com este Espírito divino desdobrando dentro dele “ a mais profundidade” dos mistérios, que o verdadeiro fundamento das coisas não havia sido tão plenamente revelado a qualquer homem desde o princípio do mundo (JONES, 1914, Cap. IX, p. 151).

Segundo os próprios relatos do sapateiro da Silésia, ele passou por quatro experiências místicas. O professor Jones comenta sobre a Segunda experiência de iluminação de Boehme,

A experiência suprema de sua vida - e um dos exemplos mais notáveis de "iluminação" na grande literatura de experiências místicas - ocorreu quando Boehme tinha 25 anos de idade, em algum momento do ano de 1600. Seus olhos caíram o acaso na superfície de um prato de estanho polido que refletia a brilhante luz do sol, quando de repente ele se sentiu rodeado e penetrado pela Luz de Deus, e admitido no solo mais íntimo e no centro do universo. Sua experiência, em vez de diminuir conforme ele voltava à consciência normal, pelo contrário, se aprofundou. Ele foi para o gramado público em Görlitz, perto de sua casa, e ali parecia que ele podia ver o próprio coração e o segredo da Natureza, e que ele podia ver as propriedades mais íntimas das coisas. Em seu próprio relato de sua experiência, Boehme indica claramente que estava passando por um longo e sério trabalho de parto como um Buscador, “esforçando-se para encontrar o coração de Jesus Cristo e para ser libertado e libertado de tudo que o afastou de Cristo”. Por fim, diz ele, resolveu "arriscar ao máximo sua vida", em vez de perder sua busca de vida, quando de repente o "portão foi aberto". Ele continua seu relato da seguinte forma: "Em um quarto de hora eu vi e soube mais do que se tivesse passado muitos anos juntos em uma Universidade. Eu vi e conheci o Ser dos Seres, o Abismo, a eterna geração da Trindade, a origem e descendência deste mundo, e de todas as criaturas através da Sabedoria Divina. Eu conheci e vi em mim todos os três mundos - (1) o Mundo Divino, Angelical ou Paradisiaco; (2) o Mundo escuro mundo, a origem do fogo; e (3) o externo, mundo visível como uma expiração ou expressão dos mundos interno e espiritual. Eu vi, também, a natureza essencial do mal e do bem, e como a Mãe grávida - a eterna genetriz - os gerou (R. M. JONES, 1914, cap. IX, p. 159).

Aos 35 anos de idade, dez anos depois, em 1610, Boehme teve a sua Terceira iluminação. Aquilo que nas visões anteriores aparecera multifacetado, revelou-se como uma unidade. Ele, agora, reconhecia a ordem divina da Natureza.

Seu primeiro livro foi escrito dois anos mais tarde, a partir dessa terceira iluminação. Contudo, embora tivesse alcançado a revelação do todo, ainda não havia chegado à visão perfeita das partes e de sua interação recíproca – como indica o título do seu primeiro livro, *A Aurora Nascente*, o Sol chegaria ao zênite apenas anos mais tarde. Numa de suas cartas, Boehme descreve a terceira iluminação: ‘Abriu-se para mim uma larga porta; em um quarto de hora, vi e aprendi mais do que veria e aprenderia em muitos anos de universidade. Por essa razão, estou profundamente admirado e dirijo a Deus meus louvores. Vi e compreendi o Ser dos Seres, o Abismo dos abismos, a eterna geração da Santíssima Trindade, a origem do Mundo e de todas as criaturas pela sabedoria divina. Comtemplei os três mundos: o mundo divino e luminoso (angélico e paradisiaco); o mundo tenebroso e infernal (o núcleo original da Natureza

e fundamento do Fogo); e este mundo exterior e visível (a geração exterior dos dois mundos espirituais: o tenebroso e o Luminoso). Vi e conheci toda a essência do trabalho original do Bem e do Mal, e a existência de cada um deles; e também, como frutificou com todo vigor a semente da eternidade. De tal maneira que fiquei desejoso dessa semente e rejubilei-me.’ (Epístolas Teosóficas: epístola 12, vers. 7 e 8) (BOEHME, 1995, p. 20)

O místico Boehme para não esquecer a visão pôs-se a compor apenas para si mesmo. Em 1612, “A Aurora Nascente” foi seu primeiro livro. O cavaleiro chamado Karl von Endern tendo acesso a obra dividiu-a em partes e com alguns amigos fizeram cópias, as quais foram difundidas a alguns interessados e os rumores sobre o conteúdo do livro chegou ao pastor-primaz da cidade, que sem tê-las sequer examinado condenou-as. “Boehme foi proibido de escrever e acatou essa ordem e por vários anos seguidos nada escreveu.” (BOEHME, 1994, p. 24).

Boehme paciente e por submissão a seus superiores e durante sete anos, sem que sua mão tocasse a pena ficou sem escrever. Em 1619, já com 44 anos de idade teve sua Quarta iluminação.

com a qual a unidade do conhecimento dos mistérios de Deus, do Homem e da natureza, que despontara em 1610, atingiu o dia pleno e como várias pessoas versadas em ciências divinas e naturais o incitaram a voltar a escrever e ele retornou e produziu outras obras em curto período de tempo. A primeira delas - *Os Três Princípios da Essência Divina*, escreveu este livro, sete anos depois da *Aurora Nascente*, quando sua iluminação já o atingira (BOEHME, 2011, p. 12).

Nos séculos que nos antecederam, com mais violência, era comum a perseguição a homens e mulheres dos seguimentos cristãos, neste caso, seja na Igreja Católica Romana, ou seja na igreja protestante, os que se declaravam portadores de visão, ou que faziam certas afirmações teológicas, eram tomados ou como blasfemadores, ou como hereges, ou como bruxos. Eles eram perseguidos e combatidos, pois sob a perspectiva dos opressores estas pessoas ofereciam perigos a teologia e a política. Boehme escreveu “uma concepção de Deus muito grande para ser apreendida pela mente estreita do clero, que viu sua autoridade enfraquecida por causa de um sapateiro pobre... o Deus de Jacob Boehme ainda vivia e preenchia o universo com Sua glória. Ele diz:”. (HARTMANN, 1890, p. 5).

"Eu reconheço um Deus universal, sendo uma Unidade, e o poder primordial do Bem no universo, auto existente, independente de formas, que não necessita de lugar para a sua existência, imensurável e não sujeito à compreensão intelectual de nenhum ser. Reconheço esse poder como sendo uma Trindade em Um, onde cada um dos três seres Pai, Filho e Espírito Santo, tem o mesmo poder. Reconheço que esse princípio ternário preenche de uma só vez e ao mesmo tempo todas as coisas; que esta tem sido e continua sendo a causa, fundamento e princípio de todas as coisas. Eu acredito e reconheço que o poder eterno deste princípio causou a existência do universo; que seu poder, de certa forma comparável a um hálito ou palavra (o Verbo, o Filho ou Cristo),

radiou de seu centro, produzindo os germes dos quais surgiram as formas visíveis, e que neste hálito exalado ou Verbo (o Logos) está contido o céu interno e o mundo visível com todas as coisas existindo dentro deles". (HARTMANN, 1890, p. 5).

Inúmeras vidas foram ceifadas em nome da fé. Muitos foram levados a fogueira e outros tantos fugiram dos lugares em que viviam. Exemplos é que não faltam de místicos ou místicas sendo perseguidos como Angelus Silesius, Margarete Porete (1250 – 1310), que no seu caso foi levada a fogueira, já o místico Boehme foi obrigado a deixar sua cidade.

Muitos místicos e místicas morreram na fogueira da inquisição, movimento político-religioso que aconteceu entre os séculos XII ao XVIII, na Europa e nas Américas, pela discordância das ideias vigentes, sejam as ideias de cunho religioso, cosmológicos, medicinal. O monge italiano Giordano Bruno - (1548 – 1600) - da Ordem dos Dominicanos, filósofo, poeta, teórico de cosmologia, foi queimado em 17 de fevereiro de 1600 por discordar de que a terra era o centro do universo. Giordano Bruno, Boehme e muitos outros não tinham comprovação científica de suas visões ou estudos, mas tinham suas convicções, ou crenças religiosas.

No capítulo IX, Jacob Boehme: His Life and Spirit, o professor Jones nos relatou que Boehme em seu primeiro livro escreveu que,

Ele era "apenas uma pequenina centelha da Luz de Deus, mas agora Ele está satisfeito em revelar por meu intermédio o que foi parcialmente oculto desde o início do Mundo" e ele admoestou o leitor, se ele quisesse entender o que está escrito, a deixar ir a opinião e a vaidade e a sabedoria pagã, e ler com a Luz e o Poder do Espírito Santo ", pois este livro não vem da Razão, mas pelo impulso do Espírito. " "Não ousei", escreveu ele a um amigo em 1620, "escrever de outra forma que a que me foi dada e ditada. Tenho escrito continuamente conforme o Espírito ditou e não dei lugar à Razão." Repetidamente ele avisa o leitor para deixar seu livro em paz, a menos que esteja pronto para um novo amanhecer da Verdade divina, para uma nova Luz irromper: "Se você não é um vencedor espiritual, deixe meu livro em paz. Não se meta nisso, mas *concentre-se em seus velhos assuntos!* ".

Antes que o Espírito viesse sobre ele, ele se sentia uma "criança gaga" e sempre declarou que sem esse Espírito ele não poderia compreender nem mesmo seus próprios escritos - "quando Ele se separa de mim, não sei nada além do elementar e as coisas terrenas deste mundo" - mas com este Espírito divino revelando dentro dele" a mais profunda profundidade "dos mistérios, ele acreditava, embora com muita simplicidade e geralmente com humildade, que o verdadeiro fundamento das coisas" não havia sido tão plenamente revelado a qualquer homem desde o princípio do mundo "-" mas ", acrescenta," visto que Deus assim o deseja, eu me submeto à Sua vontade. " Ninguém antes dele, ele declara, não importa o quão culto ele seja, "pegou o machado pelo cabo", mas, com uma mudança repentina de figura, ele proclama que agora o brilho da manhã está raiando e o amanhecer está nascendo. Em suas *epístolas*, ele diz: "Sou apenas um leigo, não estudei, mas trago à luz coisas que todas as escolas secundárias e universidades foram incapazes de fazer ... A linguagem da Natureza é tornada conhecida para mim, para que eu possa entender os maiores mistérios, em minha própria língua materna. Embora eu não possa dizer que *aprendi* ou *compreendi* essas coisas, ainda assim, enquanto a mão de Deus estiver sobre mim, eu entendo". (JONES, 1914, cap. IX, p. 152).

Nos é relatado que “em 1624, Jacob Boehme estando na Silésia com seus amigos o Sr. Jean Sigismund e Abraham von Frankenberg ele proferiu vários discursos sobre o sublime conhecimento de Deus, do seu Filho Jesus Cristo e redigiu três Tábuas da Manifestação Divina.” (BOEHME, 1994, p. 27). Ele falou particularmente dos mistérios até então velados do engendramento divino e humano, celeste e terrestre, angélico e demoníaco, e de suas naturezas e qualidades (BOEHME, 1994, p. 33).

Na opinião de Frankenberg sobre a vida de Jacob Boehme, ele escreveu que “desde o tempo dos apóstolos, não foi revelado aos habitantes da terra uma base tão sublime e profunda do conhecimento essencial da santíssima tripla unidade de Deus, da Luz da Natureza oculta e manifesta, e também da Santidade e da Graça (BOEHME, 1994, p. 32). Podemos perguntar por que motivo Boehme que era uma pessoa tão humilde e pouco considerada fora escolhido para tal missão?

A morte do sapateiro místico Jacob Boehme se aconteceu no ano de 1624 de forma bem suave, com toda a família de Boehme reunida em sua casa. Boehme pediu ao filho mais velho que virasse de costas para que ele pudesse seguir, segundo escreveu seu amigo Frankenberg,

Boehme passou algumas semanas na Silésia com dois amigos e durante este período, proferiu vários discursos sobre o conhecimento de Deus e de Seu Filho, sobre a Luz da Natureza secreta e manifesta, e redigiu para estes amigos, as três tábuas da manifestação divina. Nessa ocasião, já estava gravemente enfermo e pediu para ir para sua casa em Goerlitz. Após fazer a profissão de fé evangélica e receber o penhor da graça, faleceu, domingo, 17 de novembro, com 49 anos. (BOEHME, 1994, p. 27).

2.2 Leitores das Obras de Jacob Boehme

O pensamento de Boehme teve influência significativa na evolução da linha teosófica e mística que cruzou o norte da Europa. A obra foi interpretada e traduzida por uma gama de estudiosos das mais diversas disciplinas como o direito, a filosofia, a teologia e a ciência. Admiradores de diversos países, começando na própria Alemanha, onde Boehme teve alguns apoiadores, depois na Inglaterra, na Suécia, na Holanda, na França e na Rússia.

Entre os reconhecidos filósofos e escritores que estudaram a obra de Jacob Boehme estão o escritor místico e alquímico cristão Dionysius Andres Freher (1649 – 1728), o qual se destacou por seus extensos comentários sobre o legado de Boehme, e foi um dos homens que mais profundamente estudou e compreendeu as obras. Ele elaborou junto com um pequeno

grupo de amigos obras e gravuras as quais oferecessem uma elucidação fiel e metódica dos escritos do grande iluminado alemão. Este estudioso deixou dezoito volumes de manuscrito em inglês.

O discípulo de Boehme, Johan Georg Gichtel (1638-1710), que logo após a morte do sapateiro, traduziu e publicou sua obra, na Holanda, com grande repercussão. O seguidor foi um líder religioso e místico alemão crítico do luteranismo. Os seguidores de Gichtel propagaram certas ideias, antes de sua morte, às quais ele havia chegado independentemente de Jacob Boehme. Enquanto Boehme “desejava permanecer um filho fiel da Igreja”, os gichtelianos se tornaram separatistas².

A tradução da obra de Jacob Boehme, em 1650, foi integralmente traduzida para o inglês por John Sparrow (1645 – 1662) “a pedido do rei da Inglaterra.” (BOEHME, 1994, p. 4). Ele usou manuscritos de Abraham Willemszoon van Beyerland, enviados da Holanda, para a tradução.

Vários pensadores como Fichte e Leibniz dedicaram-se ao estudo dos tratados de Boehme, e atestaram a profundidade e solidez de suas ideias. Novalis, Schlegel, Lichtenberg e Tieck proclamaram-no um dos maiores escritores da Alemanha. Isaac Newton (1642 – 1727) também foi pesquisador destas obras e alguns insinuam ter sido delas que extraiu as bases nas quais se apoiou para a elaboração da lei da gravidade. Os filósofos alemães Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775 – 1854), um dos principais representantes do idealismo alemão, e Franz von Baader (1765 – 1841) que também foi teólogo reconheceram a influência de Boehme na concepção de seus sistemas filosóficos. Outros grandes nomes como Louis Claude de Saint-Martin, Friedrich Christoph Oetinger, Henry Madathanus, Samuel Rihter, Hegel, Schopenhauer, também relataram ter estudado as obras de Jacob Boehme (BOEHME, 1994, p. 7-8).

Na Inglaterra, Boehme teve discípulos importantes, destacando-se o padre William Law (1686 - 1761), escritor devocional inglês, polêmico, teólogo e místico, que foi notoriamente influenciado por Boheme. Ele foi ordenado em 1711, em seus últimos anos tornou-se um admirador do místico Boehme e trabalhou para uma nova tradução de suas obras. O religioso Law foi responsável por uma segunda edição inglesa das obras completas do místico.

“O Teósofo Alemão”, cuja vida criativa abarcou o Rosacruziano; foi um místico cujo discernimento muito contribuiu para estabelecer uma interpretação espiritual da alquimia. Embora tenha sido um sapateiro sem instrução possuía um alto grau de percepção mística dos mundos espirituais e para expressar suas experiências interiores decidiu revesti-las de termos alquímicos. Boehme teve uma profunda influência sobre ideias teológicas e esotéricas, particularmente entre o fim do século XVII e início do século XVIII, contudo, o seu sistema esotérico-filosófico da teologia continua inspirando a muitos nos dias atuais. Boehme teve uma origem familiar relativamente humilde. Nasceu em um povoado da Antiga Seidenburg e foi trazido para a Lusatia

² Disponível em: < (https://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Georg_Gichtel, 2018) > Acesso em 01 dez 2020.

Superior nas adjacências da Bohemia nas últimas décadas do século XVI. Era um aprendiz de sapateiro, estabelecendo-se posteriormente como um próspero cidadão perto da cidade de Görlitz (LAW, 1991, p. 3).

Os pesquisadores Józef Kosian, professor titular da Universidade de Wroclaw, na Polônia é autor de um dos dois livros mais importantes sobre Jacob Boehme publicado na Polónia: " Mística da Silésia "; e o físico teórico Basarab Nicolescu é autor de um ensaio sobre Jacob Boehme sob o título A Ciência, o Sentido e a Evolução. Nicolescu investiga as correspondências entre a física quântica contemporânea e a teosofia do gnóstico alemão que viveu e escreveu justamente no séc. XVII, quando da ruptura entre a física e a teologia. O físico Nicolescu escreve que,

"A aproximação do pensamento científico contemporâneo e do pensamento simbólico tradicional é signo de um encontro maior e mais importante: entre o mundo explorado pela Tradição e o mundo explorado pela ciência. O que a Tradição descobre na riqueza da vida interior, a ciência descobre, por correspondência, no corpo dos sistemas naturais (NICOLESCU, 1995, p. 1).

Na opinião do professor Jerzy Prokopiuk (1931-2021) que foi um antroposofista, gnóstico, filósofo e tradutor de literatura, polonês nascido em Varsóvia, que participou do elenco no documentário Vida e Legado de Jacob Boehme, o misticismo é um elemento do que normalmente é chamado de isotérico ou oculto, que é a disciplina que trata de temas que já não são acessíveis a muitas pessoas. É algo que está em algum lugar entre a gnose e a magia. O verdadeiro foco da gnose é o conhecimento a respeito da divindade. Como resultado disso, uma certa distância cognitiva em relação à divindade é mantida, o que permite que se mantenha uma liberdade maior em sua pesquisa. O místico, diferentemente do gnóstico, é, metaforicamente falando, uma vítima do amor de Deus. Seu desejo é amar Deus, ele ama Deus, é amado por Deus e só se importa com esse amor. Seu conhecimento de Deus é uma espécie de subproduto. Assim esse entendimento a respeito do misticismo descreve Boehme perfeitamente. Mas estranhamente seu misticismo contém muitos elementos gnósticos. Não o gnosticismo no sentido das antigas tradições gnósticas, mas falando de maneira genérica, o gnosticismo como um meio de obter o conhecimento de Deus. No pensamento de Boehme, além do amor, que é tema central, há também em elemento cognitivo, gnóstico, muito claro (CHWALKO, Vida e Legado de Jacob Boehme, 2016).

O professor Józef Piórczyński é um pesquisador do pensamento filosófico-religioso alemão, que estudou filosofia e psicologia na Universidade de Varsóvia. Os dois primeiros

trabalhos do professor dizem respeito aos ensinamentos do maior místico do mundo, Jacob Boehme ("Absoluto, homem, mundo", 1991). Seu projeto básico cresceu a partir dos ensinamentos de Boehme sobre a natureza e o mal. Em sua exposição no documentário Vida e Legado de Jacob, ele diz que Boehme é dialético. Tudo o que existe requer seu oposto. Cada existência contém o Sim e o Não. O Mal é necessário para o Bem. E vice-versa. Se houvesse apenas o Mal nunca saberíamos que existe o Bem. Para ele o princípio epistemológico mais básico é: Não é possível conhecer Deus sem conhecer o mal. Disso decorre o princípio ontológico: O mal existe apenas na medida em que o bem existe. Eles devem ser contrastados, e também contrastados em Deus. O Bem e o Mal não são entidades morais (CHWALKO, Vida e Legado de Jacob Boehme, 2016).

[4.] Em todas as criaturas deste mundo há um duplo impulso e vontade boa e má: nos homens, animais, pássaros, peixes, vermes, no ouro, prata, estanho, cobre, ferro, aço, madeira, nas plantas e ervas, como também na terra, nas pedras e na água, em suma, em tudo o que o homem pode pensar. [5.] Nada há na natureza que não tenha a qualidade boa e a qualidade má; todas as coisas se movem e vivem nesse impulso duplo (BOEHME, 2011, p. 56).

2.3 Sobre as Obras de Jacob Boehme

O místico luterano Jacob Boehme produziu em um curto período uma enorme quantidade de tratados e epístolas, obras de cunho místico, que até hoje são estudadas e interpretadas podem ser encontradas no original alemão, em diversas edições das obras completas.

Em inglês, existem algumas consagradas traduções antigas das obras completas como o "Caminho para ir a Cristo", que contém nove pequenos tratados. Em francês, em italiano, em espanhol, apenas duas obras traduzidas. Segundo o mesmo tradutor espanhol, existem traduções para o holandês, para o gaélico, para o danês (língua dinamarquesa), para o norueguês, para o sueco e para o russo (BOEHME, 2011, p. 468-469).

Em português algumas de suas obras foram publicadas por algumas editoras, como a organização internacional a Antiga e Mística Ordem Rosacruz (A. M.O.R.C.) do Brasil, Sociedades das Ciências Antigas (SCA) e pela Polar Editorial.

Constam aqui a Relação das Obras de Jacob Boehme: A aurora nascente (1612). Os Três Princípios da Essência Divina [obra na qual tenta compreender os fundamentos do mal debruçando-se sobre a questão da origem e da Criação] (1619). Vida Tripla do Homem (1620).

As Quarentas Questões Sobre a Alma (1620). Sobre a Encarnação do Verbo (1620). Os Seis Pontos Teosóficos (1620). Sobre o Mistério Celeste e Terrestre (1620). Sobre os Últimos Tempos (1620). Sobre a Contemplação Divina (1620). A Assinatura das Coisas (1621). Apologia contra Balthasar Tilken (1620). Reflexões Sobre as Botas de Isaías (1621). Sobre o Verdadeiro Arrependimento (1622). Sobre a Verdadeira Resignação (1622). Sobre a Regeneração ou Novo Nascimento (1622). Sobre a Penitência (1622). Sobre a Vida Suprassensível (1622). Sobre o Céu e o Inferno (1622). Sobre a Predestinação ou Eleição da Graça (1623). O Grande Mistério – *Mysterium Magnum* [sobre o livro do Gênesis] (1623). Uma tabela de Princípios (1623). Sobre os Dois Testamentos de Cristo [o Batismo e a Eucaristia] ou o Livro dos Sacramentos (1623). Apologia contra Grégoire Richter (1623). As 177 Questões Teosóficas [a morte interrompeu a redação desta obra ainda em seu início] (1623). Extrato do Grande Mistério [incluída na 47ª epístola teosófica] (1623). Sobre o Erro de Ezechiel Meth (1623). Sobre o Juízo Final (1623). Diálogo entre uma Alma Iluminada e Outra em Busca da Iluminação (1624). Epístolas Teosóficas [reunião de sua correspondência] (1624) (BOEHME, 2011, p. 467).

2.4 O Legado das Obras de Jacob Boehme e as Mulheres

O interesse nas obras de Boehme não ficaram somente no reduto masculino. Ao escrever suas obras místicas, Boehme usou uma linguagem alegórica, uma linguagem de visões, a busca pela espiritualidade, tal qual é praticada por muitas mulheres místicas.

Encontramos representantes femininas tais como escritoras, filósofas, místicas, desde o século XVI até a contemporaneidade, que também estudaram as obras de “o primeiro filósofo alemão, assim chamado por Hegel, dedicando-lhe um capítulo em sua História da Filosofia. A mística Jane Leade (1620-1704), as escritoras Anne Judith Penny (1825 – 1893), Margaret Lewis Bailey (1827 – 1883), Cynthia Bourgeault, que também é sacerdotisa. A mística Madame Blavatsky (1831- 1891), fundadora da Sociedade Teosófica. Algumas das atuais pesquisadoras da obra de Jacob Boehme, como as filósofas Cecilia Muratori, co-curadora de duas exposições para o Staatliche Kunstsammlungen Dresden, Claudia Brink e Lucinda Martin.

A filósofa Lucida Martins participa de alguns projetos, sendo que um deles, liderado pelas Coleções de Arte do Estado de Dresden, na Alemanha, é sobre o filósofo místico Jacob

Boehme, que inspirou muitos dos radicais com os quais ela se ocupa em sua linha de pesquisa. Segundo a escritora “este projeto visa estimular a investigação sobre Boehme, mas também sensibilizar o público em geral para a sua importância”. Ela é co curadora de uma série de exposições internacionais, organizando conferências e editando livros sobre Boehme.

3. A METAFÍSICA DE JACOB BOEHME

André Lalande comenta que recebeu observações interessante do filósofo Maurice Blondel (1861 – 1941), membro e correspondente da Sociedade Francesa de Filosofia, por meio de uma carta, na qual trouxe um comentário de grande interesse sobre um texto de Blaise Pascal sobre Deus. Pascal (1623 – 1662), que foi um matemático, escritor, físico, inventor, filósofo e teólogo católico francês.

“O Deus dos filósofos e os dos doutos é o ser de razão, atingido ou suposto por um método intelectual, considerado como um princípio de explicação ou de existência que o homem tem a presunção de definir ou mesmo de influenciar como um objeto que ele possui na representação que dele faz. O Deus de Abraão é o ser misterioso e bom que revela livremente alguma coisa das suas insondáveis perfeições, que não se alcança apenas pelo espírito, no qual se reconhece praticamente uma íntima Realidade inacessível aos nossos meios naturais, e em relação ao qual começo da sabedoria apenas poderia ser temor e humildade, mas ao mesmo tempo é o Deus que ao revelar ao homem os segredos da sua vida o convida para sua própria divindade, o chama a transformar a sua condição naturalmente servil de criatura numa amizade, numa adoção sobrenaturalmente filial, lhe ordena a amá-lo e apenas se dá a quem a Ele se dá. A ideia fundamental, que importa não negligenciar, porque ela é, na própria visão do filósofo a alma da vida religiosa (verdadeira ou falsa, mas historicamente e psicologicamente certa), é, pois, está: tratamos Deus como um ídolo que nos limitamos a fazer dele um objeto de conhecimento e se não reservarmos a nossa ação original na reciprocidade das relações que nos unem a Ele. O Deus de Abraão é, ao mesmo tempo, o mistério vivo que se manifesta através da revelação, que se comunica através da tradição, que se aproxima do homem através da Aliança, que lhe promete e lhe pede o *Amor na Adoção deificante*” (LALANDE, 1999, p. 249).

O místico Boehme nos diz que seu propósito é escrever segundo o espírito e o sentido, e não a partir de especulações. A vontade que o impeliu não foi uma vontade natural, mas o impulso do Espírito, e por isso teve de suportar muitas desastrosas investidas do demônio. Nessa exposição, ele escreveu como tudo se separou e se tornou criatural, e como tudo se move e se conduz na inteira *Árvore da Vida*, e para falar de Deus ele recorreu a comparações ou similitudes. Neste mundo temos um conhecimento apenas fragmentário, e por isso nos tornamos fragmentários (BOEHME, 2011, p. 41,44,68).

A Deus é atribuída a vontade e a razão para todos os fenômenos da natureza. A proposta do autor é falar de Deus, e expor o que Ele é, e onde está. Boehme considera que tudo veio de Deus mesmo, que isso é a sua própria essência, que Ele mesmo é isso e que Ele criou a si mesmo (BOEHME, 2003, p. 22). Deus é imutavelmente e sua existência nunca foi alterada e nunca o será em toda a eternidade. Ele não é proveniente nem engendrados de nada, mas é eternamente tudo que existe, a Natureza e todas as criaturas proveio da força que desde a eternidade. Ele

emanou de si. Nenhuma criatura, nem um anjo algum do Céu pode mensurar Sua imensidão, altura e profundidade (BOEHME, 2011, p. 66).

A característica do Ser Deus é ser a essência de todas as essências, pois dele tudo é engendrado, criado e de onde tudo provém, e todas as coisas têm sua primeira origem em Deus, *“O céu é o meu trono, e a terra é o escabelo dos meus pés. Ele é um Espírito que é inapreensível, que não tem, ou não teve início nem fim, e sua imensidade e sua profundidade constituem e são tudo. O que um espírito faz continuamente é se expandir, manar, se mover e gerar a si mesmo, e tem em si, principalmente, três formas ou três qualidades, propriedades, forças (BOEHME, 2003, p. 25-26).*

Boehme segue escrevendo que para continuar a falar de Deus é necessário que alguém pergunte *“De onde o céu tira uma tamanha força, capaz de produzir tão grande atividade na natureza?”* De Deus provém todas as forças que residem na Natureza, e mesmo toda a criação: os Céus e a terra, as estrelas, os elementos e as criaturas que provieram deles, além disso os santos anjos, o demônio e o homem, como também o Céu e o Inferno. É apenas dele que procedem todas as forças que podem observar na natureza e estão disseminadas em todas as coisas (BOEHME, 2011, p. 47-62).

Boehme afirma que é somente pelo Espírito Santo que está em Deus e na Natureza Universal da qual todas as coisas provieram que podemos sondar todo o corpo ou corporeidade da Divindade - que é a Natureza como também a Santa Trindade. Pois o Espírito Santo procede da Santa Trindade e reina em todo corpo de Deus, isto é, na Natureza Universal. Deus é o coração ou a fonte da natureza e é dele que tudo tem origem. Em Deus a luz subsiste sem calor (BOEHME, 2011, p. 48-56).

A Natureza Universal ou a inteira Natureza de Deus consiste da Natureza eterna (que se divide em Tenebrosa, ou Infernal, e Celeste) e da natureza material temporal, que não é mais do que um pequeno apêndice da primeira (BOEHME, 2011, p.57).

Deus é imutável em sua Trindade. Mas tudo o que está no céu, sobre a terra e sobre a terra, sem sua fonte e origem da força que sai de Deus. Quando escrevemos sobre três Pessoas na Divindade, não devemos pensar com isso que haja três Deuses, cada qual reinando e governando por si mesmo, como reis da Terra. Não é assim em Deus, pois o Ser divino consiste em força, e não em carne e sangue (BOEHME, 2011, p. 61-73).

A Santa Trindade é composta nas pessoas de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Sobre Deus Pai, ele é chamado nosso Pai Celeste porque nossa alma anela continuamente por Ele e O deseja, sim, tem sede e fome Dele (BOEHME, 2011, p. 65).

Deus não tem carne nem sangue, mas é um Espírito no qual todas as forças residem, como dizemos no nosso pai como dizemos no Pai Nosso: teu é o poder; e como Isaías o descreve: ele é admirável, o conselheiro, a força herói, o pai e o Príncipe da Paz (BOEHME, 2011, p. 62).

A Força e a Sabedoria de Deus Pai são infinitas em seu número e em sua diversidade. Quando consideramos a inteira Natureza (material e temporal) e sua propriedade, contemplamos o Pai e quando olhamos o céu e as estrelas, contemplando sua eterna Força e Sabedoria (BOEHME, 2011, p. 66).

Nessa contemplação duas qualidades são encontradas, uma boa e uma má, que estão unidas uma à outra como constituindo uma única coisa, e isso em todos os pontos desse mundo, nas estrelas, nos elementos e em todas as criaturas; e nenhuma criatura no corpo de carne e na vida natural pode existir sem ter em si essas duas qualidades. Aqui “qualidade” é ação, a mobilidade ou a impulsão de uma coisa. Contudo, não deve por isso pensar que em Deus haja bem e mal, pois Deus é o próprio bem e tem seu nome do que é bom, da Alegria Soberana e eterna (BOEHME, 2011, p. 47-61).

Todas as qualidades que estão na natureza provêm originalmente de Deus Pai: a luz, o calor, o frio, a água e todas as forças ou qualidades da terra: o amargor, a acerbidade, a doçura, a adstringência, a dureza, a moleza e tudo o que se possa pensar.

O Espírito mostra que em Deus todas as qualidades ou forças estão juntas como uma só qualidades. Assim é Deus Pai. Todas as qualidades ou forças estão Nele, como formando uma única qualidade e todas mostram no Pai como uma luz impenetrável e uma claridade deslumbrante. Deus Pai é um Deus que tudo pode, tudo conhece, tudo sabe, tudo vê, tudo ouve, tudo exala, tudo sente, tudo saboreia, que em Si mesmo é doce, gracioso, amável, indulgente, misericordioso, pleno de alegria, ou, para dizer melhor, que é a própria alegria. Ele é imutavelmente assim, Sua existência nunca foi alterada e nunca o será em toda a eternidade. Ele não é proveniente nem engendrado de nada, mas é eternamente tudo que existe, a Natureza e todas as criaturas proveio da força que desde a eternidade Ele emanou de si. Nenhuma criatura, nem um anjo algum o Céu pode mensurar Sua imensidão, altura e profundidade (BOEHME, 2011, p. 67).

Boehme escreve que sobre o Deus filho não devemos cogitar que o Filho seja outro Deus que o Pai. O Filho é o Coração no Pai e é a causa da alegria transbordante em todas as forças do inteiro Pai. Tampouco devemos pensar que o Filho esteja fora do Pai ou esteja separado do Pai, como se fossem dois homens um ao lado do outro que não abarcassem mutuamente, e não devemos pensar também que a Pessoa do Filho esteja confundida com o Pai, de maneira que não possa ser vista ou conhecida (BOEHME, 2011, p. 68-71).

Deus Pai é tudo e todas as forças subsistem no Deus Pai e fora Dele não há nada. O Pai não é uma imagem para ser comparado a alguma coisa, mas é a fonte de todas as coisas, mas é a fonte de todas as forças e todas Suas forças estão umas nas outras. Todas as forças que estão no Pai são propriedades do Pai (BOEHME, 2011, p. 68).

O místico Boehme tece uma comparação do Sol para representar Deus Filho. Ele nos chama a observar a ação do Sol no meio das profundezas que estão entre as estrelas na circunscrição esférica.

O Sol é o coração das estrelas, dá luz e força a todas as estrelas, e tempera ou abranda a força de todas as estrelas para que tudo se torne agradável e alegre. O Sol também ilumina o céu, as estrelas e as profundezas além da Terra, e age em todas as coisas deste mundo, é o rei e o coração de todas as coisas deste mundo.

Nota aqui um grande mistério de Deus. O Sol é engendrado e produzido de todas as estrelas, é a luz extraída da inteira natureza e torna a brilhar na inteira natureza deste mundo, onde está ligado às outras estrelas como constituindo com todas elas uma única estrela.

Assim também o Filho de Deus é engendrado desde toda a eternidade de todas as forças de seu Pai, mas não feito, é o Coração e o esplendor de todas as forças de seu Pai celeste, é uma Pessoa autossubsistente, é o centro e o corpo de todo o brilho nas profundezas [do Pai]. Pois a força do Pai engendra incessantemente o Filho de eternidade em eternidade, e se o Pai cessasse de engendrar, o Filho não mais existiria; e se o Filho não brilhasse no Pai, o Pai seria um vale tenebroso, pois a força do Pai não mais se elevaria de eternidade em eternidade e o Ser divino não subsistiria (BOEHME, 2011, p. 70).

A terceira Pessoa autossubsistente da Divindade na triunfante Trindade Santa é Deus Espírito Santo, provém do Pai e do Filho. Ele é a fonte de alegria na totalidade do Pai, é doce, delicioso e pacífico sopro ou sibilo de todas as forças do Pai e do Filho. Mas para descrever sua Pessoa, essência e propriedade a partir do fundamento verdadeiro, também é preciso representá-lo por comparações (BOEHME, 2011, p. 71).

Boehme nos pede mais uma vez que devemos considerar o Sol e as estrelas para fazer a comparação do Deus Espírito Santo, pois ele diz, que não se pode descrever o Espírito, uma vez que ele não é criatura, mas a força ativa de Deus. As estrelas, cuja diversidade e quantidade são incontáveis, representam o Pai. O Sol proveio delas, pois foi delas que Deus o formou, e ele representa o Filho de Deus. Ora, do sol e das estrelas provêm os quatro elementos: fogo, ar, água e terra (BOEHME, 2011, p. 71).

A representação do Espírito Santo é feita observando que os três elementos fogo, ar, e água têm um impulso ou qualificação tripla, mas têm um só corpo. Do Sol e das estrelas sai o fogo ou calor, do calor sai o ar, e do ar sai a água. É nesse impulso ou qualificação, que consiste à vida e o espírito de todas as criaturas e de tudo o que pode ser nomeado neste mundo.

Observa aqui o profundo mistério. Todas as estrelas juntas, visíveis e invisíveis, representam a força de Deus Pai. Dessas estrelas é engendrado o sol, que é o coração de todas as estrelas. A força [ou virtude] de cada estrela vai até as profundezas do espaço; a força, o calor e o brilho do sol também vão até as profundezas do espaço, e ali a força [ou virtude] de todas as estrelas, junto com o brilho e o calor do Sol, são uma única coisa, um vivo movimento, como um espírito ou substância, mas sem inteligência, pois não é o Espírito Santo (BOEHME, 2011, p. 71).

As três Pessoas na Divindade que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O Pai é a inteira força divina, da qual provieram todas as criaturas: Ele existiu desde toda a eternidade e não tem início e nem fim. Ora, o Filho é outra Pessoa, mas não destacada do Pai, e não é outro Deus que o Pai. Sua força, esplendor e onipotência não são inferiores ao Pai. O Filho é o Coração e a Luz do Pai, e o Pai engendra incessantemente o filho de eternidade em eternidade. A terceira Pessoa o Espírito Santo procede do Pai e do Filho. O espírito Santo é o Espírito ativo na totalidade do Pai, provem perpetuamente do Pai e do Filho de eternidade em eternidade, preenche a totalidade do Pai, não é menor nem maior que o Pai e Filho (BOEHME, 2011, p. 73).

4. A EXPERIENCIA MÍSTICA DE JACOB BOEHME

4.1 Mística

A mística é uma postura estreitamente associada ao pensamento da transcendência absoluta do divino. É uma relação íntima e pessoal com a entidade superior. Ela não se circunscreve à religião cristã nem e muito menos ao pensamento europeu (WOLFGANG, 2014, p. 343). A transcendência é o "estado ou condição do princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana (enquanto experiência de coisas) ou do próprio ser". Esse termo vincula-se a concepção neoplatônica de divindade, que está "além da substância; e Plotino acrescenta que ele também está "além do ser" e "além da mente (ABBAGNANO, 2007, p. 981).

As experiências místicas, que são o encontro ou a comunicação direta com entidades divinas ou até mesmo relato de comunicação telepática que ocorrem com Deus. Estas vivências são relatadas dentro das tradições religiosas como o judaísmo, cristianismo, budismo, islamismo, espiritismo, mormonismo e até mesmo outras concepções espirituais. Estas experiências sempre ocorrem com seres acima da esfera psíquica do homem comum. Existem incontáveis registros dessas experiências.

A primeira experiência mística ou conversa com Deus descrita pelos cristãos começa na bíblia, em Gêneses, o primeiro livro de Moisés, um profeta chamado por Deus. Esse livro descreve a Criação da Terra e o início da vida, a Queda de Adão e Eva e a introdução do pecado neste mundo. Temos também relatos não só dos místicos, mas também de alguns teólogos com Agostinho de Hipona³ que diz que a sua conversão se deu por uma revelação divina. Está "conversão foi incitada por uma voz infantil que ele ouviu pedindo-lhe para tomar e ler a Bíblia"

Os cristãos acreditam que podem ter uma relação direta com Deus graças a Jesus que é filho de Deus em forma humana, nascido em Belém, na província romana da Judeia, e concebido pela virgem Maria. Nesta crença está a ideia de que Jesus é uma encarnação de Deus. Essa ideia levou o conceito de trindade: Três subsistências ou pessoas divinas que são, em essência, um só Deus – o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

O francês Bernardo de Claraval (1091 – 1153) é também um dos fundadores da mística medieval, pode ser considerado um dos grandes representantes do misticismo cristão, de família

³ Disponível em: < (https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona, 2021) > Acesso em 07 dez 2021.

da mais alta nobreza da Borgonha. A experiência mística é para ele é a união amorosa entre a alma e Deus. Desde cedo se destacou nos estudos. Após a morte da mãe, quando estava com dezenove anos foi tomado pela ideia de se retirar para uma existência de oração e solidão. Aos 22 anos resolveu ser monge da antiga ordem dos Cistercienses – novo ramo da antiga Ordem de São Bento (os beneditinos). O mosteiro Claire Valle, o qual ajudou a fundar, mais tarde evoluiu para Clairvaux, que em português se tornou Claraval (BINGEMER e PINHEIRO, 2016, p. 113-116).

A doutrina de São Bernardo de Clairvaux ou Claraval foi um misticismo de amor, a aquisição dos elementos da doutrina cristã não deveria acontecer racionalmente, por meio do método dialético, mas através de uma experiência mística. Ele buscou como fonte de sua formação a Bíblia e os Padres da Igreja.

A mística de Claraval não foi desenvolvida em tratados, antes está espalhada em seus sermões. Elaborou profundamente sua doutrina do amor místico e tornou-se, por isso mesmo, o iniciador de um movimento que se desenvolveu no curso dos séculos seguintes. O caminho que conduz a verdade é o Cristo e o grande ensinamento de Cristo é a humildade. A humildade pode ser definida como a virtude pela qual o homem, conhecendo-se exatamente tal como é, se rebaixa a seus próprios olhos. Essa virtude convém aos que dispõem em seus corações dos degraus e como se da escada para se elevar progressivamente até Deus. O ponto mais culminante do conhecimento humano é alcançado pela alma no êxtase em que se separa, de certa forma do corpo, esvazia-se e perde-se, para fruir uma espécie de convívio com Deus. Esse convívio é uma fusão e como de que uma deificação da alma pelo amor (GILSON, 2001, p. 362-365).

4.2 A Mística em Jacob Boehme

Boehme nos impele a pensar com qual finalidade desejamos saber sobre o grande Mistério Divino? e o que quer que possamos obter, e o que faremos para o bem estar dos nossos semelhantes? Nós desejamos oferece-lo para a glória de Deus? Desejamos morrer para o que é terrestre e para a vontade própria? Desejamos viver nesse fundamento divino que estamos buscando e ser um único espírito com ele? (BOEHME, 1998, p.15).

A revelação do Grande Mistério Divino como afirmam os sábios de todas as tradições e o próprio Boehme, quem pode entender obras como esta, que tratam dos princípios

ontológicos e metafísicos, não é a razão, mas a intelecção ou inteligência do coração. A razão é uma ponderação dual e discursiva que só pode apreender o que é de natureza sensível, enquanto a intelecção é uma intuição fulgurante e unificadora que é capaz de apreender os princípios suprassensíveis e só pode brotar de um coração humilde, pois a razão do homem, sem a luz de Deus, não pode entender o fundamento dos mistérios contidos nesta obra. Por maior e mais sutil que seja, só será capaz de vislumbrar a sombra deles refletida num espelho (BOEHME, 1998, p.15-32).

A partir do verdadeiro fundamento o místico Boehme compara a toda Filosofia Divina⁴, Astrologia⁵ que é todo o mundo visível e temporal, e a Teologia⁶ Revelada a uma bela árvore que cresce num soberbo jardim de delícias. O jardim que se encontra está árvore significa o mundo, o solo significa a natureza; o tronco da árvore, as estrelas; os ramos, os elementos; os frutos que crescem desta árvore, os homens; a seiva na árvore, a pura Divindade. Ora, os homens são formados na Natureza⁷, das estrelas e dos elementos. Mas Deus, o Criador, domina ou reina em todas essas coisas como a seiva na totalidade da árvore. (BOEHME, 2011, p. 23).

A árvore tem uma qualidade doce e boa, mas por outro lado têm outras [qualidades] contrárias àquela a saber: a amarga, a azeda e a adstringente. Assim, tal qual árvore, tais são também seus frutos, até que o Sol aja neles e os adoce de modo a lhes dar um sabor agradável e até que tenham força para resistir à chuva, ao vento e às tempestades. Mas quando a árvore se torna velha e seus ramos ressecam e a seiva não pode mais elevar-se até as partes mais altas, então muitos verdes brotos crescem ao redor do tronco, e, por fim, mesmo sobre a raiz mostram que essa árvore, outrora um jovem arbusto coberto de ramos soberbos, envelheceu; pois a natureza ou a seiva conserva-se até que o tronco tenha se torado inteiramente seco. Então deve ser cortado e lançado no fogo (BOEHME, 2011, p. 24).

⁴ A *Filosofia* trata da força divina; Do que Deus é; de como no início a Natureza, as estrelas e os elementos foram criados na essência de Deus, da qual todas as coisas tiveram sua origem; de como foram criados o Céu, a Terra e o Inferno, como também os anjos, o homem e o demônio, e tudo quanto existe criaturalmente; do que são as duas qualidades da Natureza; tudo a partir de um fundamento verdadeiro no conhecimento do Espírito, segundo o impulso e movimento de Deus (BOEHME, 2011, p. 40).

⁵ A *Astrologia* trata: Das forças da Natureza; das estrelas e dos elementos; de como todas as criaturas provieram dessas forças; de como essas mesmas forças estimulam, governam e agem em todas as coisas; de como por meio delas o mal e o bem agem no homem e nos animais; de onde vem que o mal e o bem estejam neste mundo material temporal e o governem; e de como os reinos do Céu e do Inferno subsistem no mundo material temporal (BOEHME, 2011, p. 40).

⁶ A *Teologia* trata Do reino de Cristo; do que constitui esse reino; de como ele foi estabelecido para contrapor-se ao reino infernal; de como os homens pela fé e pelo espírito, podem submeter o reino infernal, triunfar na virtude divina e obter no combate a bem-aventurança eterna como penhor da vitória; de como o homem lança a si mesmo na perdição pela ação da qualidade má; e de qual será no final a saída de ambas [as qualidades] (BOEHME, 2011, p. 40).

⁷ Com a palavra ‘natureza’, quando em letra maiúscula se refere a Natureza eterna da qual a natureza deste mundo material temporal proveio; quando em letra minúscula tratar da meio-morta natureza deste mundo material temporal. (BOEHME, 2011, p. 24).

A iniciação espiritual de Jacob Boehme é relatada por seu amigo Abraham Von Frankenberg nos conta que a iniciação do místico começou quando ele ainda era pequeno:

quando se afastou de seus companheiros e subir a uma montanha sozinho. Ele adentrou-a, e em seu interior encontrou um grande tesouro, o que o deixou amedrontado e fugiu. Depois disso nunca mais encontrou a abertura dessa caverna. Esse episódio indicaria um bom augúrio de sua iniciação espiritual no tesouro oculto da ciência e dos mistérios divinos e naturais.

O significado simbólico, seja ele espiritual e alquímico, ou mesmo mítico. Num certo aspecto, a caverna e a montanha constituem dois níveis de uma única realidade: a caverna, enquanto lugar oculto, é símbolo da interiorização e da purificação, do recolhimento e da iniciação espiritual; a montanha enquanto lugar manifesto, é símbolo da ascensão e da meta, da sublimação e da realização espiritual. A entrada da primeira é difícil de ser encontrada, e o cume da segunda, de ser alcançado. Normalmente, a entrada da caverna situa-se na base da montanha, mas Boehme encontrou-a no topo, denotando o alto grau de sua eleição e a qualidade especial de sua iniciação nos mistérios divinos e naturais. (Para um aprofundamento desse simbolismo, v. René Guénon, em *Symboles Fundamentaux de la Science Sacrée*, Editions Gallimard, 1962) (BOEHME, 1995, p. 16).

O médico Franz Hartmann (1838-1912) foi também um célebre escritor teosófico e estudante do 'Sem-conceito', alemão, estudioso das doutrinas de Paracelso, Jakob Böehme e a Tradição Rosacruz. Foi discípulo de Helena Blavatsky na Índia, nos relata que o teósofo Boehme ao que tudo indica desde jovem já era capaz de entrar num estado anormal de consciência e captar imagens na luz astral; o teósofo passou pelos exercícios necessários ao estudo do ocultismo prático. Ao praticar a paciência, a piedade, a simplicidade de pensamento e de propósito, a modéstia pediu com sinceridade a comunicação do Espírito Santo e foi iluminado com sabedoria (HARTMANN, 1890, p. 4).

O místico Boehme possuía notáveis poderes ocultos, falava várias línguas, embora ninguém saiba onde as tenha adquirido, provavelmente numa vida anterior. Ele conhecia também a linguagem da natureza, e podia chamar as plantas e animais por seu nome próprio. Foi dotado de faculdades psíquicas, que o permitia ver o passado e o futuro (HARTMANN, 1890, p. 13).

De acordo com Hartmann, Boehme nos diz que seus escritos são para aqueles que desejam conhecer a verdade, para aqueles que buscam. O estado da mente dos que buscam deve ser simples e infantil, para os astutos e expertos, ele não tem nada a dizer. O paraíso só pode ser atingido através do nobre conhecimento de si mesmo. As coisas deste mundo material, não trará o doce descanso do paraíso. O objetivo de seus escritos é para que o homem aprenda a conhecer a si mesmo. Os registros de Boehme foram repletos dos mais profundos mistérios de Deus e dos anjos, do Cristo e do homem, do céu, do inferno e da natureza e sobre as coisas secretas do mundo (HARTMANN, 1890, p. 2-5).

A escritora e estudiosa Anne Judith Penny fez uma introdução ao estudo dos escritos de Jacob Boehme no qual ela descreve que Jacob Boehme é um dos casos mais notáveis de mediunidade espiritual, no sentido mais elevado; de um homem escolhido por Deus por revelar o conhecimento que ele próprio nunca havia procurado, e não entendia, enquanto sob os ditames urgentes de um guia invisível, ele escreveu o que lhes fora comunicado (PENNY, 1901, p. 3).

Há aqueles que entre nós para quem o mistério da criação e todos os seus tremendos problemas de maldade e dor são uma fonte de profunda inquietação. A outros que não podem aceitar a solução oferecida pela teologia. Cabe a eles esperar o bom tempo o com fé e paciência até que o véu que está espalhado por todas as nações seja levantado. Agora, como devem esperar bom tempo de um Pai Celestial para aliviar a dúvida e a perplexidade, tão consternados com a aparente impiedade do destino em nosso mundo atual que questionam a existência de tal Pai? (PENNY, 1901, p. 29).

Boehme tem muitas verdades maravilhosas para nos contar, e uma solução para oferecer de muitos mistérios considerados inescrutáveis pela maioria dos teólogos; mas a verdade mais inestimável e a chave de acesso mais infalível para um tesouro de conhecimento espiritual que ele nos impõe, em todos os seus livros, com sempre novo fervor, é a necessidade de continuar morrendo para si mesmo e mantendo a alma mergulhada na humildade, paciência e amor (PENNY, 1901, p. 9).

Anne J. Penny nos conta que talvez a maior de todas as verdades seja que todo mal, pecado e miséria, embora contrários e em todos os sentidos repugnantes ao amor de Deus, sejam, no entanto, consoantes com a evolução detida da natureza eterna de Deus no homem, pois ele prova que existe uma natureza na vida eterna e que, fora essa natureza, ou seja, a interação dos sete espíritos de Deus, a Deidade Abissal não poderia ser conhecida nem qualquer criativamente a vida existe (PENNY, 1901, p. 15).

Boehme explica em suas palavras, que essa verdade central tendo em mente a verdade inegável de que "se vivermos, nos movermos e estarmos em Deus", não haverá nada em nós ou em nosso mundo que não se originou primariamente na natureza divina; mas essa mesma palavra natureza, um devir, indica primeiro a ausência de finalidade absoluta e inalterável e a porta pela qual os contrários podem entrar; o que está por vir pode, no plano inferior da vida criativa, degenerar ou ficar aquém da devida evolução. O poder do mal, com toda sua sutileza e habilidade, é, e sempre foi, um fato desanimador a ser explicado em um mundo trazido à existência por um onisciente, infinito amor e sabedoria (PENNY, 1901, p. 15).

A estudiosa Anne J. Penny nos instiga a apreendermos a doutrina de Boehme sobre a diferença de Deus não-manifesta, à parte da Criação, e manifestada por Sua Natureza Eterna, isto é, a ação incessante dos Sete Espíritos de Deus, torna-se inteligível aquilo que obstrui sua harmonia original de ação (Anne J. Penny, 1901, p. 15).

Natureza e Criatura produzirão o mal, que não é feito por Deus, o único Bem, e ainda é feito pelo uso indevido de forças dele derivadas; que “ficar aquém da glória de Deus” é, no sentido mais alto, uma parada da evolução; a criatura destinada a encontrar bem-aventurança manifestando as infinitas virtudes e glórias da Deidade Abissal, buscando-a em si mesma, trabalha para outros objetos inferiores; os anjos caídos para auto-exaltação; seres humanos para satisfazer desejos que degradaram o que eram antes, para a vida mortal como a conhecemos. (Anne J. Penny, 1901, p. 15-16).

Boehme nos relata sobre a origem das vontades opostas na vida que deriva de um Deus, e não pode existir a partir dessa Infinitude de Ser, por mais que conflitem e isso exigirá que se dê uma olhada para sua interpretação da causa do pecado e do mal de qualquer forma (Anne J. Penny, 1901, p. 29).

“Portanto, deve haver uma nova vontade a partir dessa vontade oposta, para que ela possa desistir novamente daquela única união, e a vontade oposta deve ser quebrada e morta, ... e assim a vontade que é assim partiu”(do eu)“ habita em Deus, ... e é então conhecido por ser um novo nascimento, pois reassume tudo de novo em si mesmo, naquele único, mas não com seu próprio desejo, mas com seu próprio amor que está unido com e em Deus, de modo que Deus é tudo em todos, e sua vontade é a vontade de todas as coisas, pois apenas um subsiste em Deus.” (Anne J. Penny, 1901, p. 29).

Uma pergunta que não pode ser evitada: Como podem as propriedades derivadas do bem perfeito causar mal? Boehme nos fala dos sete Espíritos de Deus, das sete forças que interagem incessantemente na natureza eterna, que formam a base de toda vida.

“As quatro primeiras formas em si mesmas são a ira e a ira de Deus na natureza eterna; e eles não são nada mais do que uma fonte ou propriedade que permanece nas trevas e não é material, mas uma originalidade do Espírito, sem a qual não haveria nada. Pois as quatro formas são a causa de todas as coisas, como você pode perceber que toda vida tem veneno, sim, o próprio veneno é a vida.”

“Tudo o que vive e se move está em Deus, e o próprio Deus é tudo, e tudo o que é formado ou emoldurado, é formado por Ele, seja por amor. ou fora da ira.”

“Vendo Deus está em toda parte, e é ele mesmo, como é que existe neste mundo tanto frio e calor, tão mordedor e impressionante entre todas as criaturas, e que não há mais nada além de mera ferocidade ou ira neste mundo? A causa é que as quatro primeiras formas da natureza são uma inimidade contra a outra sem a luz, e ainda assim são as causas da vida.”

“A Palavra viva de Deus, que é o próprio Deus ... se manifesta através da natureza para um Espírito do mundo em Spiritu Mundi, como uma Alma da Criação. E ao falar adiante ou expressão é novamente a distinção ou separação da raiz astral ardente em Spiritu Mundi.”

“O Espírito do Mundo é agora a Vida do Mundo Exterior.”

“Em *Spiritu Mundi*, surgem muitas más ações que parecem contrárias a Deus; também, que uma criatura machuca, preocupa e mata outra; também que guerras, pestilências, trovões e granizo acontecem. Tudo isso está no Espírito do mundo e surge das três primeiras propriedades, nas quais elas se quebram e se enquadram em sua vontade oposta. Pois Deus não pode dar ou pagar nada além do que é bom, pois ele é o único bem, e nunca se transforma em nenhum mal, nem ele pode, pois ele deixaria de ser um Deus. Mas na palavra de sua revelação ou manifestação, em que surgem as formas, qualidades ou disposições, a saber, onde a natureza e a criatura surgem, existe a operação ou o enquadramento no mal e no bem.” (Anne J. Penny, 1901, p. 30).

Aqui devemos nos voltar para exposição de Boehme de “Como o pecado é pecado.”

“Deus habita em Tudo, e não há nada que O compreenda, a menos que seja um com Ele; e se ele se afasta daquele, então se afasta de Deus para dentro de si e é algo além de Deus; e que se divide ou se separa. E, portanto, a lei existe, que deve sair novamente de si mesma para aquele, ou então se separar daquele. Assim, pode-se saber o que é o pecado, ou como é o pecado, a saber, a vontade humana que se separa de Deus em sua própria personalidade, e desperta a si mesma e queima em sua própria fonte (PENNY, 1901, p. 30).

A explicação que Boehme nos oferece a respeito da causa do mal no mundo terreno é a alma ou o espírito do mundo. O Espírito do mundo “*Spiritu Mundi*”, “espírito do grande mundo”, o “mecanismo das estrelas e elementos”. O inconsciente coletivo, psicologia de rebanho, movimentos de massa, religiões mundiais, política nacional e hegemonia global são moldados pelo *Spiritu Mundi*. O amante da sabedoria “sairá” do espírito ou corrente do sistema mundial.

4.3 A Mística das Mulheres e Jacob Boehme

A história, hoje, registra que as mulheres sempre tiveram influência na vida social, política, religiosa e econômica do mundo. Numa sociedade patriarcal em que o poder religioso e político prevalecia o domínio dos homens sobre as mulheres, coube às mulheres o segundo plano na comunidade. Na vida religiosa muitas vezes o papel de clausuras e silêncio. Mais do que nunca sofreram perseguições da sociedade por vários fatores como por exemplo na história do cristianismo, sobre o pecado original, conferiu a mulher um grau de inferioridade.

Podemos perguntar, por que explicitar a mística das mulheres no estudo do místico Jacob Boehme? A resposta para tal pergunta é de pronta explicação. Porque a mística não é relegada só aos homens. As mulheres quando queriam transmitir um ponto teológico ou científico tinham que ser autorizadas por alguém. As mulheres não podiam se colocar no mesmo

nível que os homens. Toda experiência e conhecimento tinha que ser autorizado. Boehme também sofreu perseguições. A ele foi pedido que não escrevesse tais coisas as quais tinha uma visão direta e clara. Reconhecidamente só com o apadrinhamento é que foi possível suas obras fossem reputadas.

A "mística", tal como que é praticada por mulheres, é caracterizada por uma linguagem alegórica e metafórica, uma linguagem de visões, uma linguagem poética, um modo de vida e espiritualidade, mas também por uma reformulação teológica da divindade. As mulheres místicas desempenharam um papel importante nos vários períodos da história, como por exemplo, no período chamado "Idade Média", em que o poder masculino na igreja foi devastado por conflitos internos e movimentos alternativos emergentes que foram consideradas hereges⁸ (TROCH, 2013, p. 3).

Nancy Caciola (2000, 2003) argumenta que os critérios que a Igreja desenvolveu para experiências místicas autênticas restringiram o poder das mulheres na Igreja. Por exemplo, com base nas teorias sobre a fisiologia feminina, as mulheres eram consideradas mais vulneráveis à possessão do diabo do que os homens. Consequentemente, seria mais suspeito que as mulheres são possuídas pelo diabo, e não possuídas por Deus, do que quanto aos homens. Mais recentemente, Coakley observa que, embora alguns filósofos analíticos atentem para o misticismo de Teresa de Ávila, eles não fazem justiça ao conteúdo de seus escritos místicos, escolhendo apenas experiências. A construção masculina tradicional de Deus determinou a maneira como os filósofos homens pensam sobre a experiência teísta. Assim, a experiência teísta é condicionada desde o início por conceituações e valores patriarcais e pela diferenciação de papéis sexuais na prática da religião⁹.

Nos últimos anos, muitas pesquisas e algumas ordens religiosas reconhecem as mulheres místicas, a todo um trabalho sendo feito por muitos pesquisadores. Ainda há muito estudo por se fazer. Estas mulheres foram líderes, professoras, mulheres casadas. Algumas delas viviam sozinhas, ou em grupos, ou em conventos, ou em abadias.

Temos várias representantes desta mística e não cabe aqui fazer um apanhado de todas as mulheres mística conhecidas. O historiador Rudolph Bell realizou um estudo da vida de 261 mulheres místicas na Itália entre 1200 e 1800 que foram reconhecidas como santas pela Igreja Católica (TROCH, 2013, p. 9).

A monja Hildegarde de Bingen (1098 – 1179), nasceu em uma família nobre, piedosa, da Alemanha, apelidada de Sibila do Reno foi uma monja beneditina, mística, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica informal, poetisa, dramaturga, escritora alemã e

⁸ TROCH, L. Mística feminina na idade média historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. Revista Graphos, v. 15, n. 1, 30 jun. 2013. Página 3.

⁹ Disponível em: < (<https://plato.stanford.edu/entries/mysticism>, 2004) > Acesso em 03 dez 2020. Página 22.

mestra do Mosteiro de Rupertsberg em Bingen am Rhein, na Alemanha. Ela é uma santa e doutora da Igreja Católica, em 09 de maio de 2012 foi canonizada como santa, e em 07 de outubro de 2012 como *doctor ecclesiae*. Desde cedo muito foi notado que ela era muito inteligente e tornou-se uma religiosa¹⁰.

Mulheres místicas como Hildegard de Bingen, do século XII, e Mathilde de Magdeburgo, século XIII se destacaram por um pensamento especulativo, pensavam de maneira mística, ou seja, a busca pelo mistério do Ser. É notória a vida de Hildegard de Bingen. A religiosa desde cedo mostrou-se ser muito inteligente. As visões começaram na infância.

Hildegard já recebia visões na idade de 3-5 anos. Ao que parece, era uma mulher com problemas de saúde, mas que viveu 81 anos. Ela se apresentou na idade de 8 anos em um convento localizado próximo a um mosteiro beneditino de homens. Sua tia Jutta, era a líder do mosteiro feminino e introduziu Hildegard na música e na língua latina. Provavelmente, Hildegard trabalhou muito no jardim. Ela, então, escreve extensivamente em várias áreas: música (lembramo-nos de que ela foi uma compositora muito famosa!), textos sobre botânica, belos desenhos, tratados teológicos, visões, textos cosmológicos, interpretações da Bíblia. Ela se destacou por conta de sua erudição. Não por acaso, ela é a mística mais conhecida do século XII. Sua fama é tão grande que em 1918 seu nome foi dado a uma estrela: asteroide 898 Hildegard, devido à importância cosmológica de seus textos. Além do reconhecimento de suas visões, ela indaga ao teólogo Bernardo de Clervaux quanto ao seu reconhecimento enquanto profetisa. (TROCH, 2013, p. 6).

No curso “Caminhos da experiência espiritual e mística” realizado no Centro Loyola de Belo Horizonte, MG, em 2013, o professor jesuíta Pe. Manuel Hurtado, doutor em teologia e professor da FAJE abordou algumas místicas como por exemplo Hildegard de Bingen. Em sua abordagem foi relatado que desde criança ela tinha percepções extra-sensoriais, ou seja, ela tinha visões. Estas percepções extra-sensoriais unidas a uma grande capacidade de intuição e uma observação aguda da realidade, muito perceptiva. Isto causava muitas surpresas aos outros. Algumas pessoas ficavam assustados com o que ela fazia. Ela percebeu este medo e volta-se para si mesma em uma fase silenciosa. Silêncio por muitos anos. Decidiu não falar de sua experiência de Deus. Ao completar quarenta anos recebeu um chamado de Deus e começou a escrever. Ela relatou que houve uma grande luta em seu interior, mesmo assim decidiu continuar a escrever e ao mesmo tempo pediu conselhos ao teólogo Bernardo de Clervaux (1091 – 1153),

¹⁰ Disponível em: < (https://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda_de_Bingen, 2020) > Acesso em 04 dez 2020.

um abade francês, canonizado no ano de 1174 e proclamado Doutor da Igreja. Ele por sua vez confirmou sua experiência e pediu a ela prudência, porque compreendia o tempo em que viviam.

Um fato relatado pelo professor Manuel Hurtado, o mais importante na obra de Hildegard é a relação que ela tinha com Deus. As visões dela estão colocadas em um quadro muito humano, era consciente de sua humanidade. Ela se auto denominava como uma pequena mulher pobre diante de Deus, uma mulher inculta, consciente da vulnerabilidade, reconhecendo a fraqueza que humanamente possuía. A sua mística tinha uma atitude humilde, apesar da grande formação teológica, para uma mulher daquele tempo. Aqui reconhecemos a humildade dos místicos.

O jesuíta Hurtado cita que as visões de Bingen pertencem a uma verdadeira experiência mística. Muitos críticos daquela época achavam que ela tinha problemas psicológicos, tipo alucinações. Mas os estudiosos de sua vida chegaram à conclusão de uma autenticidade em sua experiência mística.

As visões da religiosa de Bingen tinham a ver com o conhecimento de Deus, não era um conhecimento intelectual, nem conhecimento racional. Mas um conhecimento que estava no campo da fé e da intuição. Visões didáticas que comunicavam, que explicavam. Estas visões se davam em estado de vigília, ou seja, acordada, não era um processo durante o sono. Eram experiências espirituais, as quais se sentia totalmente penetrada por Deus, habitada por Ele. O processo se dava primeiro com a descrição da visão, segundo com a interpretação, terceiro ela ditava, revisava e corrigia o que foi escrito, fazia retoques e acrescentava mais ao que foi escrito. A teologia dela era intuitiva.

A experiência mística dela foi permitindo que ela falasse de Deus. É possível falar de Deus? É possível unir-se a ele? Quem pode falar de Deus? Hildegard tanto quanto os outros místicos se sentiram autorizados a falar de Deus pela experiência na vida deles e na vida dos outros, aos quais a mensagem deveria chegar.

Um dos temas explorado por Hildegard é sobre a complementariedade entre homens e mulheres. Ela tem uma ideia de criação. O homem foi feito a imagem e semelhança de Deus. Homem e mulher Deus os criou, isto está em Gênesis (“origem”, “nascimento”, “criação”, “nascimento”), o primeiro livro da Bíblia Hebraica como da Bíblia Cristã. Não se pode falar de Deus, sem falar da pessoa humana. O amor de homem e mulher é a imagem de Deus. Ela fugiu da imagem apenas masculina de Deus, sendo uma mulher medieval ela podia ser hostilizada nos preconceitos misóginos.

A chave da teologia de Hildegard de Bingen contém uma simbologia feminina, sempre cheia de esperança apesar do pecado. Deus é aquele que vence. A humanidade está iluminada por Deus. Para ela Deus é espírito simbolizado pelo vento. O vento é constante, sempre soprando. O universo todo, esse macrocosmo é movido pelo espírito de Deus. O microcosmo, isto é, o homem, a pessoa humana, o centro do universo, o amor humano, criado, inspirado pelo espírito. O espírito de Deus torna o homem livre. Deus Pai fonte de libertação, espírito de amor.

No livro Hildegard de Bingen – A consciência inspirada do século XX, da francesa Régine Pernoud (1909 – 1998), uma historiadora medievalista, a parte mais fascinante da obra de Hildegard é sobretudo a sua “teologia cósmica, visão do universo ao mesmo tempo ampla e minuciosa, fulgurante olhar atento ao mundo. O livro das obras divinas é onde Bingen se expressa por meio das visões cósmicas sobre a percepção do mundo, que nos revelam um universo acima de tudo aceitável, face às descobertas de nossa época – principalmente quando se pensa na concepção de um universo fechado e limitado que prevaleceu desde o século XVI até o século XIX (PERNOUD, 1996, p. 75).

Hildegard abre suas visões pela Santíssima Trindade; a Eternidade, o Verbo, o Sopro são figuras que aí significam que Deus é Vida e é Amor. A energia suprema, a energia ígnea suscitou a criação do homem, o qual nasce corpo, alma, espírito. Tudo procede dessa vida que libera uma tríplice energia de amor, da qual o homem é reflexo. O conjunto é expresso com uma vivacidade em que a visionária ressalta que ela se encontra no limite daquilo que o homem pode contemplar. Ela mesma, no quadro que a representa sob a imagem de página inteira, tem os olhos extasiados, abertos para esta visão (PERNOUD, 1996, p. 78).

Um ponto a destacar é que os místicos transmitem as mensagens em uma linguagem alegórica. Uma das grades dificuldades dos místicos consiste em como transmitir a visão da mesma maneira experienciada. As palavras faltam para essa transmissão. O apelo a linguagem simbólica para fazer a comunicação também é das uma forma de comunicação. Uma outra pergunta se faz: Por que os místicos querem transmitir a mensagem que lhes são confiadas? Nos muitos casos na mensagem recebida lhe são pedidos para divulgar, porque esta mensagem trará consolo, ajudar, esclarecimento, paz ou mesmo revelar um conhecimento para a humanidade.

Outra mística e teóloga medieval Maguerite Porete (1250 – 1310), viveu entre a segunda metade do século XIII e o início do Século XIV, nasceu na Bélgica, pertenceu ao Movimento Beguinal. Ela era uma das representantes mística que funde as convenções do amor. As “Beguinas” – um termo cujo significado original englobava todas as mulheres devotas. Elas eram mulheres católicas que praticavam uma vida ascética em comum. Viviam em

comunidades e sobreviviam do próprio trabalho e eram adeptas da doutrina de Cristo. O movimento Beguinal foi reprovado pelo Concílio de Viena (1311) e foi alvo de perseguições pela Igreja oficial (BINGEMER e PINHEIRO, 2016, p. 133).

Porete era juntamente com outras béguines uma das representantes da mística renano-flamenga, que une a *Minnenmystik* ou *Mystique Courtoise* – ramo da mística que funde as convenções do amor cortês com as aspirações espirituais – com a mística do Ser (*Wesenmystik*) ou mística especulativa ou ainda mística da Essência (SHAWARTZ, 2011, p. 3).

A única obra de Porete conhecida é ‘O espelho das Almas Simples e Aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do amor’. O livro constitui-se numa alegoria mística sobre o caminho que conduz a alma à união perfeita com seu criador e Senhor e se estrutura como um diálogo em que os principais interlocutores são Amor, Razão e a Alma aniquilada personificados. A mística sofreu o processo inquisitorial por seu livro e morreu queimada por heresia em Paris, no dia 1º de junho de 1310, recusando-se a remover seu livro de circulação ou retratar suas opiniões (BINGEMER e PINHEIRO, 2016, p. 137).

Christine de Pisan (1363-1430), poeta, filósofa italiana viveu na França durante a primeira metade do século XV, em seu famoso livro, ‘A cidade de mulheres’ (1405), divididos em 03 partes. Este livro foi redescoberto na Europa e amplamente lido por mulheres, por grupos de movimentos sociais e teólogas. O trabalho escrito em estilo visionário, muito característico da mística feminina. Ao esclarecer a decodificação desse estilo estratégico: “estou sonhando, mas eu estou acordada” (TROCH, 2013, p. 6-9).

Acentua-se que mulheres místicas também sofreram ataques por parte dos intelectuais das universidades, na tentativa de eliminar a influência delas, bem como as próprias mulheres:

O surgimento das universidades mantiveram o conhecimento sob controle. Nesse ínterim, o conhecimento trazido pelas mulheres é visto como perigoso e o controle das mulheres aumenta. A igreja apoia temporariamente as universidades como um meio de manter a fé. Este foi realmente o caso, porque o objetivo principal das universidades no século XV não residia na aquisição de novos conhecimentos, mas na preservação do conhecimento existente e das doutrinas da igreja. As universidades tiveram muitos privilégios e poderiam funcionar como um Estado dentro do Estado (TROCH, 2013, p. 11).

Boehme, como muitas mulheres, que buscaram a atenção imediata e instintiva com o divino foram perseguidos pela intolerância da igreja oficial de suas épocas, proibindo-os de difundir ou pregar suas ideias, ou mesmo a liberdade de registrar seus pensamentos, com acusações de que se perderam em especulações loucas sobre a Trindade, a essência divina, a alma, a criação, a liberdade. Tanto no caso de algumas mulheres, como no caso de Boehme, o

que salvaram suas obras foram os apoios recebidos de algumas pessoas, embora elas não recebessem a visão ou iluminação deles, tinham uma mente aberta para uma outra maneira de conhecer o Absoluto, um dos vários nomes atribuídos a Deus.

A crença é uma experiência do espírito, na medida em que se aproxima da fé, a crença designará sempre uma confiança manifestada num assentimento subjetivo. Mais do que simples assentimento do intelecto, é consentimento da vontade. No que se refere à ideia de crença dentro do cristianismo, torna-se incompreensível se não se unir a ela a realidade do testemunho e, precisamente, de um testemunho que tem a autoridade suficiente para testemunhar (MORA, 1978, p. 57).

A crença entendendo-a simplesmente como experiência ou sentimento natural e irreduzível levou muitos místicos à morte. Os que foram levados à fogueira, ou que muitas vezes conseguiram fugir de suas cidades nunca negaram, ou renunciaram às suas ideias ou o contato imediato com o divino. O que viram não foi o propriamente o próprio Deus, mas as coisas que existem por ele, e que nos é permitido conhecer. Ele é além de toda existência, assim estes místicos nos transmitiram em seus escritos.

5. A COSMOLOGIA DE JACOB BOEHME E O FÍSICO BASARAB NICOLESCU

O físico Basarab Nicolescu faz uma aproximação do pensamento científico contemporâneo e o pensamento simbólico tradicional. O mundo explorado pela ciência e o mundo explorado pela tradição. O físico elabora um estudo investigando as correspondências entre a física quântica contemporânea e a teosofia de Jacob Boehme, quando a ruptura entre a física e teologia. O estudo transdisciplinar apoiado na física quântica o legitima ser um interlocutor entre duas visões de mundo: a cosmologia de Jacob Boehme e a da física moderna.

A teosofia, de Boehme, que é a Sabedoria de Deus, só pode ser alcançada ou recebida através de uma experiência direta com o divino, numa iniciação interior, seguindo os Ensinamentos das Escrituras Sagradas e os ensinamentos tradicionais. (BOEHME, 2011, p. 478).

A verdadeira Teosofia, reúne em seu corpo doutrinal as diversas ciências tradicionais ou sagradas, entre as quais a Teologia, a Cosmologia, a Filosofia, a Astrologia, a Aritmosofia (a ciência isotérica ou sabedoria dos números) e a Alquimia, tendo todas como função a regeneração e a iluminação do próprio ser que as estuda e pratica, para que assim os processos interiores de regeneração e iluminação do homem, caminhando de mãos dadas, possam impulsionar poderosamente um ao outro e auxiliar-se reciprocamente, de modo a operar a progressiva transformação de todas as partes constitutivas do seu ser, para que ele recupere, através de Cristo, a imagem e semelhança de Deus perdida em Adão, e possa tornar-se um Homem Perfeito ou Homem Universal (BOEHME, 2011, p. 479).

Nas palavras de Sommerman, este estudo pode ser considerado o primeiro encontro efetivo da ciência moderna, com a gnose ocidental, o diálogo de um físico de partículas com um mestre da Tradição espiritual no Ocidente. A ciência moderna define-se, de maneira geral, por uma ruptura com a religião ou a Tradição (NICOLESCU, 1995, p. 32).

No Prefácio à edição americana, na obra *Ciência, Sentido e Evolução* de Basarab Nicolescu, 1995, o escritor, compositor, musicólogo e tradutor Joscelyn Godwin indaga sobre que base comum poderia servir a um diálogo entre o físico moderno Basarab Nicolescu e o visionário renascentista Jacob Boehme teriam em comum? O que eles dialogariam? Para muitos a ciência é fato, imaginação é ficção.

Godwin nos narra que desde os anos 60 houve alguma melhora na cisão entre as comunidades científicas e humanistas e foi provavelmente graças aos cientistas, em especial aos físicos, levados pelas descobertas deste século, a tornar-se “metafísicos”. Seria possível

afirmar que os princípios em que se apoiam os físicos são estudados pelos metafísicos? Em certos círculos podem, uma vez que nos níveis mais altos e especulativos, a física atual investiga o que está além (meta) do mundo físico.

Segundo Godwin, Jacob Boehme, de maneira muito ocasional, surge como um filósofo, cujas asserções pedem uma série de atenção da parte daqueles que estão em busca de Sabedoria. As proposições de Boehme apoiam-se tanta na sua inatacável integridade pessoal, como na sua fecundidade espiritual de suas descobertas teosóficas (NICOLESCU, 1995, p. 19).

Godwin afirma que a teosofia, em sua investigação dos poderes por detrás e no interior do Universo, que alguns chamam Deus ou deuses, é tomada, não são razão, com desconfiança, pois a história está repleta de excêntricos e fanáticos que até hoje reivindicam esta legitimidade.

A tese defendida por Nicolescu é de que Boehme, através de alguma faculdade de visão suprasensorial, foi capaz de contemplar o princípio que está por detrás da criação e da evolução do cosmo, tal conhecimento deve despertar o interesse da ciência contemporânea. Boehme não se limitou a explicar como o cosmo veio à existência, mas revela também como e por que evolui desde então. A questão de como o cosmo veio a existência ainda não foi resolvida pela física moderna. Para tal discussão sobre a criação e evolução do cosmo Nicolescu se viu forçado a abordar as qualidades últimas do bem e do mal em suas mais profundas raízes na Natureza divina (NICOLESCU, 1995, p. 20).

No Breve Relato sobre a Vida de Jacob Boehme, Frankenberg nos afirma que é possível que Boehme tenha recebido uma centelha oculta do Santo Fogo do Amor, comunicada e infundida desde o exterior por uma transmissão mágico-astral dos espíritos estrelados (BOEHME, 1994, p. 17).

Os primeiros princípios de Boehme são as três forças metafísicas que estão por detrás da existência do Universo. Elas começam não com Deus, que é o primeiro Ser, mas com o Sem-fundo (*ungrund*¹¹) do Não-ser (ou o Além-ser), em relação ao qual mesmo o Criador e seu cosmo são como um nada, embora, paradoxalmente, dê origem a ambos. (Nicolescu, 1995, p. 20).

Robin Waterfield, um estudioso clássico britânico, tradutor, editor e escritor de ficção infantil, nos relembra que um dos temas dominantes nos escritos de Boehme é a transcendência

¹¹ *Ungrund* – termo alemão criado por Boehme para expressar a indeterminação absoluta da Divindade em si mesma, anterior a manifestação. Pode ser associado ao *Ain Sof* (o Infinito, o Ilimitado) da cabala judaica. Traduzido ao francês por “sans-fond”, ao inglês por “unground” ou “boundless” e ao português por “sem-fundamento” ou “sem-fundo”, este termo foi depois integrado à nomenclatura da filosofia alemã. (N.T.) (NICOLESCU, 1995, pág. 51).

incondicional de Deus: sua existência além do tempo e do espaço, inacessível a todo pensamento humano, indizível por qualquer língua humana. Então o que podemos conceber? Nada sobra, o vazio que Boehme chama de *Ungrund*, uma profundidade que não tem fim, uma insondável existência vazia (BOEHME, 2007, p. 44).

Waterfield nos explica que esse *Ungrund* só pode ser imaginado e é a imagem primordial da entidade incognoscível que na sabedoria tradicional não deve receber nome, mas só pode ser anunciada como “EU SOU”. Com a introdução do pronome pessoal, a imaginação alcançou um grande salto de fé. Esse Vazio, esse abismo obscuro, não é estéril e passivo, mas fértil, possuído de Desejo e de uma energia motivadora (WATERFIELD, 2007, p. 45).

Na obra *Mysterium Pansopicum*, sobre os Mistérios Celeste e Terrestre, escrito em 1622, de Jacob Boehme, encontramos no Primeiro Texto a definição do que é O Sem-fundo.

Primeiro Texto.1. O Sem-fundo (*Ungrund*) é um eterno Nada, mas cria um eterno início como uma atração [ou desejo]. Pois no Nada há uma atração por algo, mas como nada há com que possa criar algo, a própria atração cria. No entanto, a atração também é um Nada ou apenas uma desejosa busca. Essa é a eterna origem da magia [divina], que cria em si, onde nada há. Cria algo do Nada, e apenas em si mesma, embora essa atração nada mais seja que um simples desejo. Ela nada tem e nada há a partir do qual possa criar algo, tampouco um lugar onde possa encontrá-lo ou repousar (BOEHME, 1998, pág. 81).

No *Ungrund* existe uma potencialidade infinita quanto a tudo o que fica dentro dele: perfeição não estática, mas dinâmica, que melhora continuamente, sempre se tornando, não sendo, mas permanece em equilíbrio perfeitamente harmonioso. Para Boehme O *Ungrund* é também “die ewige Stille”o eterno descanso (WATERFIELD, 2007, p. 45).

A segunda série de princípios de Boehme constitui-se de sete forças que promovem o desenvolvimento do cosmos e de suas testemunhas criadoras: a mente e a alma humanas, que revelam a tragédia e a promessa subjacente à evolução cósmica e humana.

Segundo Nicolescu, Boehme nos fornece um rigoroso esquema formal, fundado na interação entre uma lógica ternária e uma estrutura (auto) organizadora setenária, através do qual nos propõe a leitura de nosso mundo, de todos os cosmos e mesmo da Divindade. Para a problemática moderna de liberdade e opressão, determinação e indeterminação, ordem e desordem, evolução e involução as implicações desse esquema formal são consideráveis (NICOLESCU, 1995, p. 49).

A ideia de um número muito restrito de leis gerais é extremamente interessante. Ela estabelece um novo método de aproximação da Realidade, que pode ser chamado de “hipotético-dedutivo”. Essa ideia torna a ser encontrada nas ciências de ponta nos dias de hoje: postula-se um número restrito de leis, amiúde muito abstratas, matemáticas – portanto distantes

da realidade diretamente observável – e deduzem-se as consequências dessas leis para, *em seguida*, compará-las aos dados experimentais (NICOLESCU, 1995, p. 49-50)

Segundo Nicolescu a respeito da palavra “realidade” é uma das palavras mais ambíguas de todas as línguas do mundo. Todos nós acreditamos saber o que é a realidade, mas, se nos interrogarmos, descobriremos que há tantas acepções dessa palavra quanto habitantes sobre a terra. Não é, pois, surpreendente que inumeráveis conflitos agitem incessantemente os indivíduos e os povos: realidade contra realidade (NICOLESCU, 2009, p.1).

Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático americano. Seus trabalhos apresentam importantes contribuições à lógica, matemática, filosofia. Ele se pergunta “*O que é a realidade?*”. Sua resposta é que, talvez, não haja nada que possa corresponder à nossa noção de “realidade”. Talvez seja a nossa tentativa desesperada de conhecer que engendre essa hipótese não justificada. Mas, nos diz ao mesmo tempo, se há verdadeiramente uma realidade, então ela deve consistir em que o mundo vive, se move e tem nele mesmo uma lógica dos acontecimentos que corresponde à nossa razão (NICOLESCU, 2009, p.1).

Nicolescu junto a Wolfgang Pauli (1900 – 1958) que foi um físico austríaco, prêmio Nobel de Física e um dos fundadores da mecânica quântica, em 1948, faz dele também a afirmação de que “(...) a formulação de uma nova ideia de realidade é a tarefa mais importante e mais árdua de nosso tempo”. Mais de 60 anos depois, essa tarefa ainda não foi cumprida (NICOLESCU, 2009, p.1).

O autor Nicolescu tem o entendimento de que a *Realidade é plástica*. Nós somos parte integrante dessa Realidade, que se modifica graças aos nossos pensamentos, sentimentos, ações. Isto quer dizer, que somos plenamente responsáveis pelo que é a Realidade. A Realidade não é algo exterior ou interior a nós: ela é simultaneamente exterior e interior. O mundo se move, vive e se oferece ao nosso conhecimento graças a uma estrutura ordenada daquilo que, no entanto, muda sem cessar. *A Realidade é, então, racional*, mas sua racionalidade é múltipla, estruturada em níveis. A realidade é una e múltipla ao mesmo tempo (NICOLESCU, 2009, p. 9-10).

Na cosmologia de Boehme, a Realidade tem uma estrutura ternária, determinada pela ação de três princípios, em três Mundos ou Reinos, que em si mesmos e em suas funções são bons: O *primeiro princípio* ou *Mundo* é “A fonte das trevas” ou Cólera, que são as quatro primeiras qualidades da Natureza, o centro tenebroso, o reino do Inferno; o *segundo princípio* é a força [ou virtude] da Luz e do Amor, que é o reino do céu. O *terceiro princípio* é a extração [geração

exterior], que sai das trevas pela força da Luz, que é o reino deste mundo material temporal, criado após a queda de Lúcifer, no qual a Luz e as Trevas, o Amor e a Cólera combatem-se. Os dois primeiros Mundos ou princípios são eternos, o terceiro tem um tempo delimitado.

Esses três princípios ou gerações são independentes, mas ao mesmo tempo os três interagem simultaneamente, engendram-se uns aos outros, permanecendo distintos. A dinâmica de sua interação é uma dinâmica da contradição: poder-se ia falar de uma força negativa correspondente às trevas, uma força positiva correspondente à Luz, e uma força conciliadora correspondente ao que Boehme chama “extrageração”. Trata-se de uma contradição entre três polos, entre três polaridades radicalmente opostas e, no entanto, vinculadas na medida em que nenhuma pode existir sem as outras.

A manifestação divina divide-se em três Princípios, em três Mundos, que em si mesmos e em suas funções são bons. O primeiro é o Princípio ou Mundo das Trevas e da Cólera; o segundo, o da Luz e do Amor; o terceiro, o material, criado após a queda de Lúcifer, no qual a Luz e as Trevas, o Amor e a Cólera combatem-se. O Mundo das Trevas e o Mundo da Luz são eternos, o Mundo material tem um tempo delimitado. Adam Mickiewicz (1798 – 1855) considerado um dos maiores poetas românticos poloneses, faz uma interessante observação entre a semelhança entre esses três Princípios e os três deuses primordiais da Teogonia de Hesíodo: Caos (Trevas e Cólera), Eros (Luz e Amor) e Gea (Terra, o princípio material) (BOEHME, 1994, p. 48).

Boehme designa que os espíritos-fontes ou fontes espirituais, em alemão, “Quellgeister” que são as sete forças principais de Deus, através das quais Deus manifesta-Se, e que são a base de todas as manifestações materiais, espirituais e divinas, em todos os mundos (BOEHME, 1994, p. 41). Os Mundos manifestos são: o divino arquétipo, os espirituais (o angélico, e o infernal) e o mundo material. É através da ação das sete forças que todos os Mundos manifestados são criados e subsistem todos os níveis de realidade da manifestação divina, isto é, da saída de Deus de Si mesmo para revelar-Se e Conhecer-Se. O que varia de mundo para mundo é a intensidade delas (das forças). É a violência de seu combate e a corporalidade delas resultantes (BOEHME, 2011, p. 18).

As qualidades da natureza, ou as sete forças, ou os espíritos fontes são responsáveis por todos os níveis de realidade da manifestação divina, isto é a geratriz. As qualidades, ou forças, ou forma, ou espíritos, ou potências, ou propriedades, ou espíritos-fonte, ou espécies são as seguintes: 1ª a contração, a atração, a adstringência; 2ª a expansão, a repulsão, o amargor; 3ª a

rotação, a angústia; 4ª o calor, o relâmpago, o fogo; 5ª a luz, o amor; 6ª o som, o tom, o mercúrio; 7ª o corpo, a natureza, a corporalidade, a naturalidade, a tangibilidade, a substancialidade.

Todo o processo da manifestação divina, que na primeira obra Boehme chama *gerações*, mas que nas seguintes, ele chama de princípio, são divididos em três momentos básicos: a 1ª *geração*, que é o Coração, o Filho ou a Luz de Deus, a mais interior, desenrola-se a partir de *Deus em si mesmo*, sem nenhuma diferenciação ou distinção; *A Vontade do Sem-Fundo* de revelar-Se e conhecer-Se; *A Apreensão da Vontade num centro*, através do qual Deus se contempla no espelho da eternidade do Sem-Fundo; a 2ª *geração*, a intermediária, é constituída pelo combate das sete forças. Ela desenrola-se da *Exaltação da Vontade, Deus Espírito Santo*, raiz do movimento eterno, e de três das sete forças ou qualidades da Natureza (a *Adstringência*, o *Amargor* e a *Angústia*); e a 3ª *geração*, a mais exterior, é a *Tangibilidade* ou *Corporalidade* (BOEHME, 2011, p. 19).

O físico Nicolescu nos chama a atenção que é extremamente interessante notar o papel que Boehme atribui ao nosso próprio mundo. Os três princípios engendram-se em três mundos distintos que estão embricados uns nos outros: o mundo do Fogo, o mundo da Luz e o mundo Exterior. O mundo do Fogo, que provém do centro da Natureza (*centrum naturae*). O mundo da Luz, que habita a liberdade, o Sem-fundo, fora da Natureza, e provem do mundo do Fogo. O nosso mundo, o mundo exterior, o qual habitamos com o corpo exterior, com as obras e essências exteriores. Este mundo aparece assim como um mundo de verdadeira *conciliação*. Este mundo exterior é um *mundo de reparação*. Toda grandeza de nosso mundo reside na encarnação dos três princípios (NICOLESCU, 1995, p. 52).

A estrutura ternária da Realidade está inscrita no próprio homem. O homem é a atualização dessa estrutura ternária. A natureza humana, englobando os três princípios. Em nosso mundo moderno, o homem esqueceu que é potencialmente a encarnação dos três princípios. O físico Nicolescu nos esclarece que o que nos interessa aqui é a manifestação da estrutura ternária em todos os fenômenos da Natureza (NICOLESCU, 1995, p. 52- 53).

Note-se bem que não se devem confundir “natureza” e “ternário: “A Natureza e o ternário não são a mesma coisa, são distintos; embora o ternário habite a Natureza, não é apreendido por ela, e contudo, há entre eles uma eterna aliança...”. Não obstante, em cada fenômeno da Natureza, há um brotar perpétuo do ternário. A Trindade, essa “essência triunfante, borbulhante e ativa” é “a eterna mãe da Natureza”. Mesmos os três princípios, que estão encerrados “em tempo ou lugar algum”, se manifestam, no entanto, no espaço e no tempo. O terceiro princípio tem um papel crucial na manifestação: ele é “que contém o *Fiat*, a Palavra criadora de Deus. Tudo se torna um traço, um signo do ternário: o homem, e também os planetas, as estrelas, os elementos. A aliança entre a Natureza e o ternário é eterna, mas o homem tem a escolha de

descobrir e viver essa aliança ou esquecê-la, ignorá-la, e portanto, rompê-la. (NICOLESCU, 1995, p. 53).

A visão que Boehme nos propõe é que o Setenário é o fundamento da *manifestação* de qualquer processo e ele funciona numa contínua interação com o ternário, e é precisamente essa interação que fornece a chave de uma plena compreensão da Realidade. O Ternário diz respeito a dinâmica íntima de qualquer sistema (NICOLESCU, 1995, p.56).

Uma questão interessante que Nicolescu nos chama a atenção e que nós também podemos pensar o por que número sete? O valor místico, teológico ou simbólico do número sete é evidentemente bem conhecido: os sete archotes e os sete anjos do Apocalipse, as sete sephiroth inferiores da cabala, as sete operações alquímicas, os sete planetas (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno). Aparecem no livro de Apocalipse os sete espíritos de Deus, as sete estrelas, os sete candelabros, os sete selos e assim por diante.

Nicolescu pensa que todas as pistas em referência ao número sete são falsas. A correspondência entre os diversos significados do setenário não tem nenhuma fonte de inspiração exterior para o setenário de Boehme. A única fonte é própria visão de dele, A filosofia de Boehme, o setenário impõe-se como uma implacável consequência lógica (simbólica) de uma das pedras angulares de seu pensamento: a de que o fundamento da manifestação tem de estar em perpétua interação com o ternário. Boehme diz ‘não será fácil distribuir essas sete potências em três princípios e coordená-las às três pessoas da Trindade ...’ (NICOLESCU, 1995, p. 56-57).

Nicolescu não oferece uma solução única e definitiva ao enigma de que é o setenário. O fundamento da manifestação tem de estar em perpétua interação com o ternário. O físico propõe uma leitura no plano da lógica simbólica, apoiando-se nos próprios textos de Boehme. Todos os processos da Realidade são regidos por sete qualidades, sete espíritos-fontes, sete etapas, sete formas, que apresentados na ordem do seu primeiro livro *A Aurora Nascente*. As qualidades são: acerbidade, doçura, amargor calor, amor, tom ou som e corpo. Os espíritos-fontes engendram-se uns aos outros e, no entanto, permanecem distintos. Mas para compreendê-las é necessário considerá-las em sua ação simultânea (NICOLESCU, 1995, p. 59).

Visto que “qualidade” é uma palavra-chave na cosmologia de Boehme, não pode ser compreendida mediante definições de dicionários. As sete qualidades de Boehme são energias intermediárias, ativas e informativas que dão forma a todos os vários níveis de realidade. É importante salientar que cada uma das sete qualidades é gerada por uma interação particular dos três princípios. Isto explica a propriedade paradoxal e crucial dessas sete qualidades: são sempre as mesmas, embora adaptando-se ao nível específico de materialidade em que estão sempre agindo. Diferentes níveis de materialidade não implicam diferentes níveis das sete qualidades. É precisamente essa

sua propriedade de permanecem sempre as mesmas que permite a possibilidade da unidade cósmicas, através da interação de todos os níveis de realidade. A própria evolução - do cosmos, do indivíduo ou da humanidade – torna-se possível devido a isso (NICOLESCU, 1995, p. 58).

Na explanação de Nicoliescu as três qualidades (adstringência ou contrativa, amargor ou expansiva, angústia ou rotação) procedem do primeiro princípio, que é o mundo tenebroso, colérico e acerbo, o núcleo da Natureza eterna, e é o reinado de Inferno. O Deus do primeiro princípio é, para nós, um Deus impenetrável, incognoscível. Aparece *para nós* como um Deus de trevas, de noite aterradora, pois é insondável. Observe que não se pode verdadeiramente chama-lo de Deus (NICOLESCU, 1995, p. 59). Deus não se chama Deus, mas severidade, acerbidade, fonte colérica, de onde o mal, a dor e a inflamação se engendram ou têm origem (BOEHME, 2003, p. 28).

Uma luta de maior intensidade é travada entre as três primeiras qualidades, para permitir que esse Deus de trevas se conheça a si mesmo em sua potencialidade. O Deus do primeiro princípio se engajará numa luta consigo mesmo. O Deus de trevas, uma vez engajado no caminho do autoconhecimento, tem de submeter-se à sua própria natureza ternária.

Adstringente é a primeira qualidade e corresponderá a uma força negativa, de resistência, a um fogo frio, respondendo ao desejo do Deus das Trevas de continuar sendo o que é, independentemente de qualquer manifestação (NICOLESCU, 1995, p. 59).

A impressão magnética, ou *fiat* (Faça-se em latim) é a força contrativa do desejo criador de Deus. Da força contrativa, aprisionada, originou-se uma vontade contrária ao aprisionamento, a força expansiva, libertadora, chamada por Boehme de pungência ou amargor, e do combate entre ambas adveio a angustia ou a rotação. A Natureza é criada pela força adstringente, magnética e atrativa. É a primeira raiz da substancialidade (BOEHME, 1998, 1998, p. 119). A propriedade colérica adstringente corresponde ao planeta Saturno. Ela refere-se no homem, ao corpo vital ou etérico e a todas as funções da manutenção de seu corpo físico. Está ligado ao pecado da avareza (BOEHME, 1998, p. 162).

Entre essas três formas, nenhuma é a primeira, a segunda ou a terceira; todas as três constituem uma única [forma], e cada uma engendra a segunda e a terceira: pois entre a adstringente e a amarga engendra-se o *fogo*: a acerbidade do *fogo* é o amargor, ou o agulhão amargo, e a adstringência é a cepa ou pai de ambos e no entanto, é engendrada a partir deles, pois um espírito (ou forma, qualidade, força, propriedade) é como uma vontade, uma sensação ou um pensamento que se eleva e, em sua própria ascensão, se busca, se perfaz e se engendra (BOEHME, 2003, p. 26).

O Amargor é segunda qualidade e corresponderá a uma força positiva, fluida, tendendo à manifestação e, portanto, radicalmente oposta a primeira qualidade; conforme as palavras de

Boehme, ela é como um “furioso aguilhão” (NICOLESCU, 1995, p. 59). O segundo espírito ou qualidade em Deus é o espírito amargo, que existe no relâmpago da vida, pois o relâmpago da vida eleva-se na água suave pelo atrito das qualidades adstringente e quente (BOEHME, 2011, p. 249). Ela é o primeiro espírito de onde a mobilidade tem sua origem, de onde a vida torna-se móvel, e chama-se, se com razão, *Cor*, isto é coração, pois esse é o espírito vibrante, crepitante, ascendente, penetrante, um triunfo ou alegria, uma estimulante fonte do riso (BOEHME, 2011, p. 120).

A propriedade colérica amarga corresponde ao planeta Mercúrio e refere-se, no homem, aos pensamentos (as opiniões e conceitos pessoais), como também à psique como um todo e está ligado ao pecado da inveja (BOEHME, 1998, p. 162).

A Angústia é a terceira qualidade. Aparece como uma força conciliadora, sem a qual nenhuma abertura para a manifestação seria possível. Essa qualidade corresponde ao planeta Marte e refere-se ao ego: ao poder e à vontade própria, e está ligado ao pecado da ira (BOEHME, 1998, p. 162).

A luta sem misericórdia entre as três primeiras qualidades engendra uma verdadeira “roda da angústia”. O mundo da primeira tríade do setenário é um “vale tenebroso”, um inferno virtual. Boehme fala de uma “geração angustiante, apavorante, tremante, acerba e contrariante”. É precisamente nesse ponto, quando a roda da angústia gira loucamente em si mesma num turbilhão caótico e infernal, que o *princípio de descontinuidade* deve manifestar-se para abrir o caminho do verdadeiro movimento evolutivo. Esse princípio de descontinuidade não é outro que o *terceiro princípio*, o que aparece como Fiat da manifestação, o Verbo criador de Deus. Boehme chama essa descontinuidade de “relâmpago”: Sem o relâmpago, todos os sete espíritos seriam um vale tenebroso...”. O louco movimento da roda da angústia detém-se e transforma-se num movimento harmonioso. É então que a vida pode nascer, e *Deus nasce*. O Fiat da manifestação, engendrado pelo terceiro princípio, faz parte integrante (embora meramente *virtual*, pois corresponde a uma descontinuidade invisível no plano da manifestação) da segunda tríade do ciclo do setenário, que inclui também a quarta e quinta qualidades: “Agora esses quatro espíritos ou qualidades movem-se no relâmpago, pois todos os quatro tornam-se vivos nele, e então a potência desses quatro eleva-se no relâmpago como uma vida que está e seu primeiro grau de ascensão; e essa potência move-se deliciosa e amavelmente no relâmpago, como se um espírito morto se tornasse vivo e fosse subitamente colocado numa grande claridade. O fato de a quarta e quinta qualidade estarem intimamente ligadas ao relâmpago e, portanto, ao terceiro princípio é assim afirmado com clareza (NICOLESCU, 1995, p. 60).

O Fogo ou Calor é a quarta qualidade, a qual é a mediadora entre os dois Mundos, o Mundo das Trevas e o Mundo da Luz, e corresponde a este mundo temporal em que vivemos. O Sol é a estrela central do sistema solar e ele representa a quarta qualidade. Ele é o verdadeiro início da vida e o verdadeiro espírito da vida. O calor é o espírito ou a inflamação da vida, pelo qual o espírito se faz no corpo, move-se em todo corpo, brilha fora do corpo e produz um movimento vivificante em todas as qualidades do corpo (BOEHME, 2011, p. 122).

O fogo frio da primeira tríade transforma-se assim num fogo ardente do qual pode brotar a luz: “a quarta qualidade faz assim o papel de plataforma giratória ou pivô de transmutação de todo o sistema...” (NICOLESCU, 1995, p. 60). Essa plataforma giratória se situa, no intervalo entre a terceira e a quarta qualidade, pois é ali que o Fiat da vida, da manifestação age. Com a segunda tríade, Deus nasce, torna-se consciente de si mesmo, contudo ainda não se manifesta plenamente. Um *segundo princípio de descontinuidade* deve intervir para que o movimento evolutivo possa prosseguir. A intervenção do segundo princípio engendra uma nova tríade da manifestação (“tríade”, pois cada princípio tem de submeter-se a sua própria estrutura ternária) (NICOLESCU, 1995, p. 61).

A Luz é quinta qualidade, e é o santo, amável e beatífico amor representado pelo planeta Vênus. A luz verdadeira e a luz da verdade. À medida que essa luz aparece, o fogo exaltado desvanece em um calor calmo e agradável, sua ira tendo virado luz. Nessa luz, as primeiras formas mudam seu caráter contencioso e se tornam calmas, dóceis e harmoniosas. Elas estão reconciliadas com suas interdependências e com o papel que todas desempenham na “grande obra” (WALTERFIELD, 2007, p. 47).

O *Verbum Fiat* (ou o “Faça-se” divino, a injunção criadora de Deus) é o Verbo eterno conjugado com a primeira propriedade ou força da Natureza eterna, a adstringência (a força contrativa), (BOEHME, 1998, p. 132). O *Fiat* de afirmação, de luz plenamente revelada, o *Fiat celeste*, é necessariamente ação do *segundo princípio*. “O segundo Fiat situa-se no quinto grau”. Situa-se para ser mais preciso, no intervalo entre a quinta e a sexta qualidade (NICOLESCU, 1995, p. 61).

O Som ou Tom é sexta qualidade na força divina. Esta qualidade é representada pelo planeta Júpiter. Nesta qualidade que tudo ressoa e retine; é dela que vem a linguagem e o discernimento de todas as coisas, como também a melodia e a canção dos santos anjos, e nela reside a formação de todas as cores e a beleza dos seres, como também a alegria celeste (BOEHME, 2011, p. 149). O som atravessa toda a manifestação: “O sexto engendramento em Deus, ocorre quando os espíritos ou qualidades, em sua geração, experimentam uns aos outros; é devido a isso e nisso que a alegria ascendente é engendrada, de onde resulta o *tom* (NICOLESCU, 1995, p. 62)

A sétima e última qualidade ou espírito, a Tangibilidade ou a Corporalidade. A Lua nosso único satélite natural da Terra representa a sétima qualidade. Ela corresponde à manifestação plena, ao “corpo” de Deus, que não é outra coisa senão a própria Natureza ou a expansão para fora dos outros seis [espíritos].

Esse espírito tem cor e modos próprios, como todos os espíritos; pois ele é o corpo de todos os espíritos, no qual se engendram como num corpo. Também é desse espírito que todas as configurações são plasmadas; ademais, os anjos também são criados dele e tudo o que concerne à naturalização [naturalidade ou corporeidade] reside nele. Esse espírito é incessantemente engendrado dos outros seis espíritos, subsiste eternamente e jamais passa. Ao contrário, engendra por sua vez perpetuamente aos seis espíritos, pois os outros seis estão encerrados no sétimo como uma mãe e recebem incessantemente seu alimento, força e o poder no corpo de sua mãe. Pois o sétimo é o *corpo*, e os outros seis são a vida; e no centro, está o Coração da Luz, que os sete espíritos engendram continuamente como uma Luz da vida, e essa luz é o filho deles (que nesta descrição, na Divindade, é o Filho de Deus e que, no anjo, é o espírito anímico). E na ascensão da Luz do Coração, através de todos os espíritos, expande-se a manante mobilidade ou a penetração. (BOEHME, 2011, p. 266)

O físico Basarab Nicolescu complementa que a estrutura setenária de Boehme atravessa todos os níveis de realidade. O nascimento de Deus repete-se eternamente em todos os níveis de realidade, através de “*signaturas*” ou “traços¹²”: “Os sete espíritos de Deus abarcam e seu círculo ou espaço o céu e o mundo, a extensão e a profundidade exterior e superior dos céus, acima do mundo, abaixo do mundo e no mundo...” (NICOLESCU, 1995, p. 64).

Assim, abarcam todas as criaturas no céu e neste mundo (...) e desse mesmo *corpo* dos sete espíritos de Deus todas as coisas são formadas e produzidas: todos os anjos, todos os demônios, o céu, a terra, as estrelas, os elementos, os homens, os animais, os pássaros, os peixes, todos os répteis, a madeira, as árvores, e também as pedras, as plantas e as ervas, e tudo o que existe. (NICOLESCU, 1995, p. 64).

Uma assinatura ou figura do mundo espiritual interior é todo o mundo exterior visível com todo o seu ser é; o que quer que seja internamente, e qualquer que seja sua operação, assim também tem seu caráter externamente; assim como o espírito de cada criatura apresenta e manifesta a forma interna de seu nascimento por seu corpo, assim também o “Ser Eterno” (BOEHME, 1912, p. 91).

Este mundo formado se manifestou com o movimento de todas as formas com este mundo visível, como com uma semelhança visível, para que o ser espiritual possa se manifestar em uma essência abrangente corpórea; como o desejo das formas internas se fez externo, e o ser interno está no externo; o interno mantém o externo diante de si como um vidro, onde se vê na propriedade da geração de todas as formas; o externo é sua assinatura (BOEHME, 1912, p. 92).

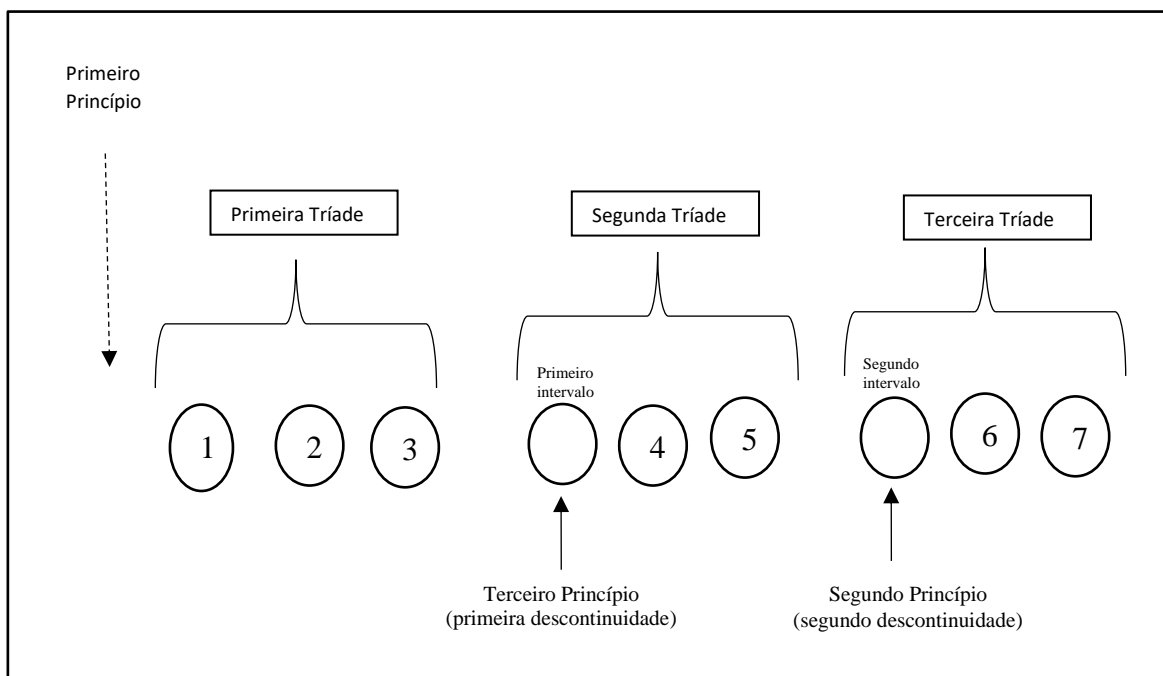
¹² Signatura, literalmente, assinatura, termo mais frequentemente usado na Alquimia para designar as expressões exteriores das virtudes ocultas das coisas, que, em última instância, correspondem a sua essência, isto é, a seu verdadeiro nome. O dom de perscrutar a essência e nomear as coisas é inerente ao homem original: “Tendo, pois o Senhor Deus formado da Terra todos os animais terrestres e as aves do céu, ele os levou a Adão para ver como os havia de chamar. E o nome que Adão pôs a cada animal é seu verdadeiro nome. Ele os chamou pelo nome que lhes era próprio”. [Gen. 19:20].

A forma superior que é a principal no espírito da atuação no poder, assina mais especialmente o corpo, e as outras formas dependem dele; como deve ser visto em todas as criaturas vivas, na forma e forma do corpo, e no comportamento e comportamento, também no som, voz e fala; e igualmente em árvores e ervas, em pedras e metais; tudo conforme a luta está no poder do espírito, assim é a figura do corpo representada, e assim também é sua vontade, enquanto ferve no espírito da vida. Tudo o que é gerado a partir do interno tem sua assinatura. (BOEHME, 1912, p. 92).

De acordo com a exposição acima Basarab Nicolescu, por tudo isso, conclui que o Deus do primeiro princípio se engajará numa gigantesca luta consigo mesmo, uma “tragédia divina”, no mistério da criação. Trata-se apenas da morte de Deus para si mesmo enquanto Deus da pura transcendência: “O Deus de Boehme morre antes de nascer”. É nessa “tragédia divina” que a grandeza de nosso próprio mundo – a da realização plena do homem – está fundada (NICOLESCU, 1995, p. 59, 64 - 65).

Figura 1 - ESTRUTURA E AUTO-ORGANIZAÇÃO

A interação entre o ciclo ternário e o setenário



(NICOLESCU, 1995, p. 64)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela compreensão sobre como o universo se originou proporciona pesquisas, teorias e debates. A comunidade científica em grande parte aceita a explicação na teoria da Grande Explosão, em inglês, Big Bang. A questão de como o universo foi concebido continuará sendo uma questão para os religiosos, os filósofos e os cientistas que continuarão neste debate. Os cientistas a um bom tempo dispõem de sonda, satélites, telescópios e naves, com capacidade de expiar o universo com suas lentes gigantes.

Neste estudo feito em algumas das obras do místico Jacob Boehme nos permitiram asseverar que o universo não é estático e se encontra em constante expansão, ou seja, a ciência comprova que as galáxias estão se afastando uma das outras.

Nós podemos concordar que os místicos buscam alcançar a comunhão com o divino, com a Verdade espiritual, ou com Deus por intermédio da experiência direta, pessoal com a divindade sem a necessidade de dogmas. A experiência mística é pessoal e dificilmente transferível através da linguagem.

Alguns homens e algumas mulheres experienciam tais fatos. O místico Boehme demonstrou em sua extensa obra a existência de um criador inteligente do Universo, o qual ele reconheceu com o nome de Deus, com características complexas para a construção do cosmos.

É natural a relação entre experiência mística e o conjunto de crenças de quem experimenta, pois se a linguagem dessa experiência é necessariamente simbólica, os símbolos que lhes ocorrem são aqueles de sua crença. Pode-se, assim, falar num misticismo cristão.

Cabe aqui algumas perguntas, como por exemplo se o estudo da mística é presente nos dias atuais? Ao tentarmos formular uma resposta podemos dizer que sim, pois o estudo é verificado através das várias publicações na atualidade a respeito deste tema. O místico cristão Jacob Boehme, como tantos outros, é um exemplo deste estudo. A beleza dos escritos de Boehme faz com que a nossa imaginação trabalhe. Como não pensar após da leitura da primeira obra “Aurora Nascente” na explicação científica do Big Bang. As explicações não se excluem, ou contrário, se somam.

Outra pergunta que se faz presente é: temos místicos atuais que procuram ter a experiência direta e pessoal com a divindade, com o transcendente, sem a necessidade de uma teologia ou de dogmas? Uma das possíveis respostas a esta questão é que os místicos dificilmente são reconhecidos no seu tempo de revelação. Importante salientar que não importa a época em

vivemos, para pessoas que tiverem experiências místicas, sempre haverá intolerância, ou condenação da sociedade.

Uma outra questão que nos afeta ainda é sobre a origem do mal. O místico Boehme explicou as origens do mal em um único conceito da criação de Deus e do mundo, no qual o Bem luta contra o Mal. “Em todas as criaturas deste mundo há o duplo impulso e vontade, boa e má: nos homens, animais...Nada há na natureza que não tenha a qualidade boa e a qualidade má ...”.

Boehme cuja profundidade original repousa tanto sobre uma formulação original da questão sobre a existência do mal, quanto sobre as soluções que delas decorrem. Ele longe de reduzir o mal a uma simples negação, o místico se esforça ao contrário por pensa-la como uma qualidade boa e real, mostrando que só se o mal for bom, e que um dia poderemos esperar a sua derrota.

O mistério sobre a criação do universo nos é respondida por Boehme. Ele nos relata que no início primeiro, antes de Deus ter criado o mundo e mesmo antes de o próprio Criador ter vindo a ser, havia a fonte de todo ser, o qual Boehme chamou por “*Ungrund*”, “Sem-fundo”. O *Ungrund* é o primeiríssimo princípio. O “Sem-fundo” transcende a toda imaginação humana. É algo sobre o qual nada pode ser dito, exceto de que existe tal realidade. Boehme declara que os seres humanos são o maior mistério criado por Deus.

Fazer perguntas e buscar respostas é a base para se adquirir conhecimento sobre o mundo em que vivemos, isto é o que nos cabe. A realidade da vida não é fácil. A história não nos deixa esquecer das atrocidades que nós humanos podemos fazer. A natureza humana é beligerante. Então, para que nossas vidas tenham mais significados, mesmo com as tristezas em volta do mundo ou de nós mesmos, que possamos ter maior percepção para a beleza da vida e sermos grato por termos essa oportunidade de vida, afinal a vida acontece aqui e agora.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NICOLESCU, Basarab. **Ciência, sentido & evolução** - a cosmologia de Jacob Boehme/ Basarab Nicolescu. Seis pontos teosóficos / Jacob Boehme; prefácio à edição americana Joscelyn Godwin, prefácio à edição francesa Antoine Faivre, tradução Américo Sommerman. São Paulo: Attar, 1995.

BINGEN, Hildegarda de Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Hildegarda_de_Bingen> Acesso em: 04 dez. 2021.

BOEHME, Jacob. **A Sabedoria Divina**; tradução de Américo Sommerman. – São Paulo, Attar, 1994.

BOEHME, Jacob. **A Revelação do Grande Mistério Divino**/ Jacob Boehme; tradução e notas de Américo Sommerman. – São Paulo: Polar Editorial, 1998.

BOEHME, Jacob. **Os três Princípios da Essência Divina** /Jacob Boehme; tradução, apresentação e notas de Américo Sommerman – São Paulo: Polar Editorial, 2003.

BOEHME, Jacob. / [editado e introdução por] Robin Walterfield; tradução Silvío Antunha. – São Paulo: Madras, 2007 (Mestres esotéricos do ocidente; v.8).

BOEHME, Jacob. **A Aurora Nascente** / Jacob Boehme; tradução, apresentação e notas Américo Sommerman. – 3 ed. – São Paulo: Polar Editorial, 2011.

CHWALKO, Lukasz. **“Vida e Legado de Jacob Boehme”**: entre Deus, o Homem e o Universo. Produção, Direção e Roteiro: Lukasz Chwalko; Elenco: Jerzy Prokopiuk, Jan Tomkowski, Joel Burnell; Distribuição: Vimeo, Prime Video; Ano 2016; País: Polônia. Disponível em < <http://cinegnose.blogspot.com/2020/04/vida-e-legado-de-jacob-boehme-entre.html>> Acesso em: 08 março de 2021.

ETIENNE, Gilson. **A filosofia na Idade Média** / Étienne Gilson; tradução Eduardo Brandão; [revisão da tradução Carlos Eduardo Silveira Matos]. - 2ª ed. – São Paulo, Martins Fontes, 2007. – (Paidéia)

GICHTEL, Johann Georg. Disponível em: <
https://en.wikipedia.org/wiki/Johann_Georg_Gichtel> Acesso em 22 jan. de 2022.

HARTMANN, Franz. **Vida e Doutrina de Jacob Boehme**. O Filósofo Instruído por Deus. Uma Introdução aos Estudos de suas Obras por Franz Hartmann. Traduzido do original Inglês: “*The Life Doctrines of Jacob Boehme*”. Sociedade das Ciências Antigas. Vienna, 1890. Disponível em < <https://www.sca.org.br/wp-content/uploads/livros/BoehmeHartmann.pdf>> Acesso em 02 nov. 2021.

HIPONA Agostinho de. Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_de_Hipona> Acesso em 22 dez. de 2021.

LAW, William Law. **A Chave de Jacob Boehme** por Willian Law. Traduzido do Original Inglês: “The Key of Böehme”; D.A. Freher Phanes Press. 1991. Disponível em < <https://www.sca.org.br/wp-content/uploads/livros/ChaveJB.pdf>> Acesso em: 13 fev. de 2022.

MYSTICISM - Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em <
<https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=mysticism>>
Acesso em 15 mar. 2022.

SCHWARTZ, Sílvia. Marguerite Porete e a “teologia” do feminino divino. Edição 385 | 19 dez. 2011. Disponível em: < <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4287-silvia-schwartz>> Acesso em: 19 mar 2022.

RUFUS, Matthew Jones. “Spiritual Reformers in the 16 TH 17 T & Centuries “by Rufus M. Jones. Macmillan And Co., Limited, St Martin’s Street, London;1914. Disponível em: <

<https://ia800203.us.archive.org/24/items/spiritualreforme00joneuoft/spiritualreforme00joneuoft.pdf> > Acesso em 14 abril de 2022.

TROCH, Lieve. **Mística Feminina na Idade Média Historiografia Feminista e Descolonização das Paisagens Medievais**. Revista Graphos, v.15, n. 1, 30 jun. 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>> Acesso: em 14 mar. 2022.

PENNY, Anne Judith. “An Introduction to The Study of Jacob Boehme's Writings” By Anne Judith Penny 1901 edition Published by Grace Shaw Duff Transcribed by Wayne Kraus for Jacob Boehme Online. Disponível em <http://jacobboehmeonline.com/yahoo_site_admin/assets/docs/AJ_Penny.201181635.pdf> Acesso em: 06 nov. 2021.

PERNOUD, Régine, 1909- **Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII** / Régine Pernoud; tradução de Eloá Jacobina. — Rio de Janeiro; Rocco, 1996. Disponível em <<https://docero.com.br/doc/s5ne85v>> Acesso em: 02 março de 2022.

ANEXO A – PRINCÍPIOS BÁSICOS EMPREGADOS POR JACOB BOEHME

A) Deus *em si mesmo*, sem nenhuma diferenciação ou distinção; o Absoluto indiferenciado e infinito; o sobre que está para além do Ser e do Não-ser, que Boehme chama de *Ungrund*, Sem-fundo.

B) A *Tri-unidade* divina, anterior à manifestação à manifestação.

1. A *Vontade do Sem-Fundo* de reverlar-Se e conhecer-Se. A primeira determinação do Indeterminado. A essa primeira Vontade Boehme chama de *Deus Pai*.

2. A *Apreensão da Vontade num centro*, através do qual Deus se contempla no espelho da eternidade do Sem-fundo. Esse centro é Seu Coração ou *Deus Filho*.

3. A *Exalação da Vontade, Deus Espírito Santo*, raiz do movimento eterno, que exprime e diferencia as ideias ou potencialidades da Sabedoria divina, apreendidas e contempladas pelo Filho, tornando assim a Sabedoria oculta e indiferenciada, manifesta e diferenciada.

C) As sete forças ou qualidades da Natureza.

1. A *Adstringência*. O desejo obscuro e contrativo que surge na primeira Vontade para manifestar as ideias e potencialidades substancialmente. Como a Vontade-Pai não tem diante de Si nenhuma substância com a qual possa manifestar o que contempla na Sabedoria, atrai-Se poderosamente a Si mesma e cria um *fundo* tenebroso.

2. O *Amargor*. O movimento expansivo que surge na Vontade atraída e aprisionada na treva do desejo adstringente, pois ela quer escapar da escuridão e do aprisionamento. Boehme também chama essa força expansiva de *agulhão* ou *agulhão amargo*.

3. A *Angústia*. A dor e o movimento rotatório que resultam do combate entre as duas forças contrárias que surgiram na Vontade.

4. O *Calor, Relâmpago ou Fogo*. Do atrito entre as três primeiras forças: contrativa, expansiva e rotativa, resulta o Calor e, deste, o relâmpago, quando a Vontade se liberta das trevas do adstringente e contrativo desejo e introduz a Liberdade na angústia das três primeiras forças.

5. O *Amor*. Quando a liberdade é introduzida nas três primeiras forças, (Adstringência, Amargor, Angústia) elas se abrandam e se entregam suave e amorosamente umas às outras, tornando a construírem-se numa unidade. De contrárias, tornam-se complementares.

6 O *Som* ou *Tom*. Quando a *Vontade* se liberta e ilumina as forças severas e contrárias, surge primeiro o estalo do relâmpago, depois um ressoar das forças entremescladas. Boehme também chama esta seta força de *mercúrio*.

7. A *Tangibilidade* ou *Corporalidade*. A interação das seis primeiras engendra a substanciabilidade, permitindo que as ideias arquetípicas não substanciais adquiram corpos tangíveis e venham à existência manifesta.